

**Glória Sá:** Então, hoje é quinta...

Hoje são doze.

**Glória Sá:** Não, hoje é quarta-feira, doze de Setembro de dois mil e doze e o meu nome é Glória de Sá, estou aqui na casa do Sr. Luís Moço, em sessenta e dois Winterville Road, em New Bedford. E Sr. Luís, podíamos começar por me dizer o seu nome completo, a sua direção atual e a sua data e local de nascimento.

O meu nome completo? Luís Manuel Cação Moço. Nasci a dezoito de Outubro de mil novecentos e quarenta e oito, na freguesia... Atualmente freguesia... Eu pertenço ainda à freguesia de Lavos. Nós agora, na nossa terra já estamos agregados com a Bagala, já há uma freguesia, mas a minha freguesia, no próprio bilhete de identidade ainda pertence à freguesia de Lavos.

**Glória Sá:** E, portanto... Vive aqui... portanto, já dissemos a direção. Há quanto tempo é que vive aqui?

Já há quarenta anos. Depois... a gente saiu de Portugal... Cheguei aqui no dia oito de Julho de mil novecentos e setenta e dois. Após ter feito a tropa, o Serviço Militar.

**Glória Sá:** Sim, sim. Mas aqui nesta direção, aqui na Winterville?

Aqui vivo mais ou menos... não quero ter a certeza, à volta duns quinze anos. Aqui nesta área.

**Glória Sá:** E a casa é sua?

Felizmente é minha. Já está paga, felizmente é minha.

**Glória Sá:** E o que é que faz agora? Qual é a sua...?

Agora entretenho-me, olha. Em casa, no clube... a senhora vê... passar um bocado as manhãs. Tento... procuro ter as coisas tudo mais ou menos direitos. Não sou um fora de série nem nada. Faço aquilo que posso e vou-me entretendo e dou umas voltas por aí, etc. É a vida

**Glória Sá:** Portanto, está aposentado?

Estou aposentado, sim.

**Glória Sá:** E antes de se aposentar era...

Pescador.

**Glória Sá:** ...pescador.

Lógico.

**Glória Sá:** E disse-me que andou... que os seus pais o puseram a estudar em Portugal.

Sim.

**Glória Sá:** Qual foi... Até que ponto é que foi na escola?

Eu cheguei à escola industrial. Andei dois anos na escola industrial, não consegui fazer o primeiro ano, repeti o primeiro ano e depois... Eu, em princípio, nem queria, mas, por

influência de outras pessoas lá. Eu não tinha ideia. Naquele tempo era muito cabeça no ar, depois queria era futebol e etc. Segundo ano... Isto não vale a pena andar a gastar dinheiro comigo, porque eu não vou a lado nenhum, eu não gosto disto.

**Glória Sá:** Isso era na Figueira?

Na Figueira da Foz.

**Glória Sá:** Sim, sim.

A escola industrial comercial da Figueira da Foz, que hoje tem outro nome, não interessa.

**Glória Sá:** E, em casa, que língua é que falam?

Aqui?

**Glória Sá:** Sim.

Aqui eu falo português. O meu inglês é pouco.

**Glória Sá:** E, portanto, quem vive agora aqui consigo é só o senhor e a sua mulher?

E o meu filho, alternadamente. As minhas filhas já estão todas entregues aos... Como se diz, aos namorados.

**Glória Sá:** Estão independentes?

Independentes, exatamente. Têm as suas vidas e isso.

**Glória Sá:** Quando eles estavam em casa, falavam também português ou falavam inglês?

Sabe? Os meus filhos mais velhos, até têm a quarta classe, chegaram a andar àquela escola ao norte. Falam perfeitamente. Perfeitamente, talvez não seja o termo, mas falam português entre eles. Os mais novos e as gêmeas foram um bocadinho mais... Enfim, não se adaptaram tanto à língua. É só, de resto... Elas entendem o que eu lhe pergunto e eu entendo várias coisas que elas perguntam, mas a comunicação mais direta é a mãe. Entre elas e a mãe. E os irmãos, claro, ensina. Quando estão juntos aqui, eles falam todos inglês.

**Glória Sá:** E a sua senhora, como é que se chama?

Clarinha Maria Rosanino Rego Moço, nome completo.

**Glória Sá:** É comprido.

É o nome que os pais lhe deram e acrescentou o meu.

**Glória Sá:** E ela ainda trabalha?

Trabalha em Borne, no Cape Cod, numa companhia... Agora o nome, não lhe sei dizer. Sei que é compra e venda de casas na Europa, é internacional. Uma companhia internacional.

**Glória Sá:** E o que é que ela faz lá?

É *bookkeeping*.

**Glória Sá:** É guarda-livros?

Guarda-livros. Ela tirou curso de computadores através da escola do governo. Como eu era pescador, ela teve acesso a esse programa. Está a perceber?

**Glória Sá:** Ah, que interessante.

Tirou aqui neste... Onde é que fica aquela estação portuguesa. Como é que se chama? Às vezes os nomes não... Aquele edifício, aquele *building* grande ali. Foi ali que ela tirou.

**Glória Sá:** Ah sim?

Ela tirou... em princípio, os primeiros... *Kimmel Schools* lá em cima. Sabe?

**Glória Sá:** Exatamente.

Mas era tudo manual ainda, coisa de escriturária. Depois, através do fundo de pesca, consegui. Apesar de muito tempo eu a assistir com ela, ela lá conseguiu ir prali. Agora arranjou um trabalho bom. Infelizmente, teve azar porque ela já podia ter sete, oito, nove anos ali salvo erro. mas teve um problema de cancer também. Foi operada duas vezes. isso já... Ora, eu fiz a operação há três anos. Ela tinha feito um ano antes ou dois anos. Portanto, cinco anos, mais ou menos. Teve um período mais difícil. Esteve parada. Andou a procurar trabalho pra outros lados, não conseguiu. Porque depois dela... da companhia onde ela estava, que é em Borne. Quero dizer o nome do coiso, mas agora não consigo. Insistiu em chamar os patrões, mas eles tinham lá pessoas, logicamente. Sai uma, entra outra, não é?

**Glória Sá:** Claro.

E entraram duas no caso dela e as raparigas que entraram pra lá não se adaptaram, depois elas chamaram. E lá está já há cerca de dois, três anos. Depois da operação. E é a vida dela. Sai de casa às oito da manhã, oito e vinte, pra começar às nove e só chega à casa lá por volta das seis horas, mais ou menos. E é a vida dela. Foi a vida que ela quis, que escolheu. Não quis andar nas fábricas de costura, porque ela... antes... Pois, ela é filha de açorianos. Trabalhavam todos na fábrica, como os nossos. A minha mãe também trabalhou e (ininteligível 00:06:20). Lógico, quando se vem praqui, a gente tem que agarrar aquilo que aparece. E agora, consegui aquele trabalho, gosta dele e lá está. Também é nova ainda, quer dizer, mais nova do que eu. Ainda tem que juntar mais uns anos de trabalho pra conseguir uma forma, lógico.

**Glória Sá:** Que idade é que ela tem?

Ela... Eu tenho sessenta e quatro, ela tem cinquenta e oito. Fez agora em Julho cinquenta e oito... oito, seis, catorze, mais... Cinquenta ou cinquenta e nove. Agora é que já... Não chega a seis anos de diferença, mais ou menos. Mais mês, menos mês. É mais ou menos isto.

**Glória Sá:** E o senhor disse-me que têm quatro filhos. Pode-me dizer os nomes deles? A mais velha...

A mais velha é Gina Marie. Quer o nome completo?

**Glória Sá:** Não.

Gina Marie. Marie, não é Maria, é Marie. O rapaz é Luís Carlos.

**Glória Sá:** E a Gina, qual é o trabalho dela?

A Gina trabalha no *Eye Vision Center*. É assistente no *Eye Vision Center*.

**Glória Sá:** Sim, sim.

Agora... Até há bem pouco tempo, trabalhou no... Como é que chama aquela companhia? No BJ's, mas acolá... Não era aqui nesse, fazia um part-time. Mas agora começaram a tirar pessoal, a diminuir pessoal. Ela foi das últimas. Logicamente, agora tem o trabalho dela ali.

**Glória Sá:** E ela estudou?

Estudou. Andou no (ininteligível 00:07:47).

**Glória Sá:** A (ininteligível 00:07:48) College. Uma boa universidade.

Mas ela não quis tirar os... Ela não quis tirar... Eu quis-lhe pagar os estudos, depois pra tirar os bacharelatos e essas coisas, mas ela não quis, pronto.

**Glória Sá:** Ela andou lá quatro anos?

Quatro anos. Tirou o curso lá.

**Glória Sá:** Tirou o curso lá. Não quis ir pro mestrado?

Não quis fazer o mestrado. Eu insisti com ela “Gina Marie, olha, é a oportunidade. Tu és a primeira. Tenho mais três aqui atrás de ti.”

**Glória Sá:** Sim, sim.

Felizmente, trabalhou bastante pra isso, e não precisava. Ela não quis...

**Glória Sá:** E o que é que ela estudou?

Ela estudou, em princípio, ela queria fisioterapia, mas depois estudou fala, como é que se diz?

**Glória Sá:** *Speech therapy*.

É, exatamente.

**Glória Sá:** E depois a seguir a ela, vem então...

Vem o Luis...

**Glória Sá:** ...o filho

...Carlos. O Luís Carlos, começou a trabalhar muito novo. Depois foi pra Universidade também, em (ininteligível 00:08:37), passaram por lá.

**Glória Sá:** E também completou o curso?

Não, não completou. Também não completou o curso dele. Depois então, nessa coisa do cinema, pronto. Começou a trabalhar carpinteiro, depois andou... Meteu-se nisso do cinema e pronto.

**Glória Sá:** Então o senhor falou-me que ele é *stuntman*?

É.

**Glória Sá:** E já há quantos anos é que ele faz esse trabalho?

Olhe ,eu agora... Ele está, ainda mais daqui a pouco, ele está aí. Ele tem um apontamento às onze horas pro médico. Ele, daqui a bocado, talvez, se aparecer aí, você pode-lhe fazer a pergunta a ele. Eu, essas coisas, eu não...

**Glória Sá:** Não tem importância. Mas esse, então, ainda vive aqui. Intermitentemente.

Exatamente.

**Glória Sá:** E depois tem, disse-me que tem duas gémeas.

Duas raparigas gêmeas.

**Glória Sá:** Cmo é que se chamam?

Uma se chama-se Anita e outra se chama Bárbara.

**Glória Sá:** E o que é que as gémeas... ainda estão na escola?

Não, uma trabalha aqui, numas *offices*, aqui onde era antigamente a União, naquele edifício grande, na companhia de compra e venda de casas. O nome dela também, não sei qual é o nome.

**Glória Sá:** Sim, sim.

E a outra trabalha também. A outra tirou o curso de *business*. A mais nova foi a única que conseguiu tirar o curso de *business*. Trabalha também numa companhia do... daqueles supermercados ali no (ininteligível 00:09:53). Como é que se chama?

**Glória Sá:** O *Shod*?

*Shod*, exatamente. Mas é em... É aí também, pro norte. Não sei o nome deles.

**Glória Sá:** Sim, sim, sim.

Trabalha nos escritórios.

**Glória Sá:** Sim, sim. E ela... E onde é que ela andou a estudar? Foi aqui?

Todas no (ininteligível 00:10:06)

**Glória Sá:** (ininteligível 00:10:08)

Não, não, não, não, minto. A minha, essa mais nova, andou em *Bridgewater*. Colégio de *Bridgewater*. É, exatamente. Foi a única que não quis ficar aqui, quis ir pra *Bridgewater*.

**Glória Sá:** Mas a irmã ficou aqui?

Todos eles estudaram aqui. Todos eles, quer dizer, a Gina também... Não, a Gina, não. O Luis. A Bárbara, esta que tem o curso, fez aqui dois anos, mas depois foi... Salvo erro foi... Eu não tenho... É muito complicado. Resumo, mais ou menos...

**Glória Sá:** E já estão todos, portanto...

Têm a vida deles.

**Glória Sá:** A viver independentemente? Mas ainda nenhum está casado?

Não.

**Glória Sá:** Agora, gostava que me falasse da sua... das suas origens em Portugal. Então, o senhor nasceu em Lavos, não foi? Na Freguesia de Lavos?

Não, nasci num lugar chamado Cova Freguesia de Lavos. Atualmente, hoje, já somos vila até. Cova Gala. Não sei se você conhece. É uma zona ali da Figueira da Foz, pro sul da Figueira, poucos quilómetros, seis quilómetros, sete quilómetros da Figueira.

**Glória Sá:** Pois, é do outro lado do rio.

Exatamente, do outro lado do rio. Atualmente é uma Vila, naquela altura era uma aldeia piscatória e ainda continua a ser à base de pescadores. Hoje, já nem tanto, é lógico. Porque os anos passaram e... Mas há sempre o ramo de pesca. Temos lá um porto de pesca na Figueira, logicamente, e não só ali que o pessoal trabalha. Estão dispersas por outros lados.

**Glória Sá:** E o seu pai, o que é que fazia?

O meu pai, ele nunca soube fazer outra coisa, senão pescar. Desde os catorze anos que foi pra vida da pesca, ao bacalhau. Quando vinha do bacalhau, ele também não parava. Tinha umas artes na praia que se chamavam ameijoeira, pra apanhar robalos, solhas e tudo, de inverno. Ele nunca parava. Foi... Andou em Peniche a trabalhar, na sardinha. Andou em Matosinhos, Leça da Palmeira, e andou no Cabo Branco.

**Glória Sá:** Em Lisboa.

Em Lisboa, exatamente. Muitos anos. Chegou a andar num longo curso, mas foi por pouco tempo. Porque... Ora, eu vim em setenta e dois e eles vêm pro Canadá. Ele fez um contrato pro Canadá em sessenta e nove, se não me engano. Não foi na altura que eu... Sessenta e nove não. Sessenta e nove, não. Sessenta e sete, que eu tinha dezoito anos e depois ele não quis não quis aventurar-se a trazer a família. Quis vis ver sozinho. Veio cá sozinho, veio, fez o contrato, acabou o contrato, que era de treze meses.

**Glória Sá:** O que é que ele fazia?

Era pescador.

**Glória Sá:** Pescador também, no Canadá?

Viviam lá num deserto em... Tinha uma casa naqueles armazéns grandes, onde os pescadores se desenvolviam... se desenrascavam. Como é que se chama agora o nome da coisa? Vancouver, salvo erro. Vancouver. Não tenho a certeza se era Vancouver.

**Glória Sá:** É possível.

Talvez logo me lembre. Agora não me lembro. Eu também já tenho um... Tive um acidente, quando estive na tropa, fraturei o crânio interno e também tenho um bocadinho... Agora com a idade, de vez em quando vai falhando. Mas, às vezes lembro-me de coisas de antigamente. Outras vezes, dum dia pro outro, possivelmente, esqueço-me. Já tenho esse problema comigo. É assim. E foi a vida dele. Mas era o homem que nunca parava. Nunca, nunca, nunca. Ele vinha do bacalhau, ele punha as redes. Passado dois dias ou três, era só ir pra praia ver se estava em condições. Pumba. Estava sempre a trabalhar, sempre a trabalhar.

**Glória Sá:** O que era o longo curso?

O longo curso eram os barcos, aqueles barcos grandes, que iam pras Áfricas, pra Europa toda. Hoje já isso, já... O comércio, pronto. É o comércio marítimo.

**Glória Sá:** Mercante.

O comércio marítimo, exatamente. Mais propriamente isso.

**Glória Sá:** Portanto não eram barcos de pesca?

Não, não, não, eram barcos de carga.

**Glória Sá:** Carga.

Eram longo curso. O comércio, o comércio marítimo. Ainda hoje há, mas já não há tantos, Santa Maria, Vera Cruz, noutros tempos. A senhora deve conhecer esses. Santa Maria, dos anos Santa Maria, do ano sessenta, em que foram plo Galvão e outros. Sessenta, sessenta e um, exatamente. Logo após rebentar a guerra nas Áfricas Portuguesas. Eu também estive na tropa, mas não saí da Figueira. Fui a Leiria, depois de Leiria vim pra Figueira, e fiquei na Figueira.

**Glória Sá:** E disse-me também que o seu pai tinha umas artes.

Eram umas artes...

**Glória Sá:** O que é que isso quer dizer?

Eram umas redes, mais ou menos, com dez ou quinze metros de comprimento.

**Glória Sá:** Sim.

E tinham, talvez uma altura... Isto agora é fazer, mais ou menos, um cálculo. Talvez uma altura... Isto é... Seis pés.

**Glória Sá:** Sim, sim.

De altura. E eram ferradas, com duas cavilhas, compridas de madeira, que levavam dois ou três braços de rodo, cabo. Um cabo e aquilo é por...

**Glória Sá:** Um cabo?

Um cabo amarrado, que era pra dar espaço pra flutuar as redes, porque à medida que a maré ia subindo, as redes tinham que esticar, exatamente, está a perceber? Mas eram ferradas com um bocado de pau grande, comprido, com uma coisa de ferro, um piço de ferro, assim... Desculpe a expressão. Por baixo onde se aplicava a cavilha, e era com um maço de madeira grande, eram enterradas até à altura do... Até ficar mesmo rés vés com o fundo. Depois eram tiradas, a cavilha ficava atravessada e aguentava as redes. Depois era de maré a maré. De seis em seis horas. Ou sete em sete horas, conforme a maré. Eram vistas as redes.

**Glória Sá:** Aham, à mão?

À mão, tudo à mão, de Inverno, na água fria, tudo gelado. Gelado não era bem o termo, não era gelado, mas era frio. Às vezes até me arrepiava, quando eu era pequeno, ia com ele à

praia, ficava ali embrulhado num cobertor. Era uma vida dura. Foi sempre uma vida dura. O meu pai foi sempre um homem duro.

**Glória Sá:** E essas artes eram postas na boca do rio?

Não, na praia. Em plena praia, que fazia aquelas coroas de areia seca. Depois fazia aqueles regatos, que ainda hoje fazem. Aqueles vários... A senhora sabe que os oceanos mudam e as águas fazem muitos e... E era assim o trabalho dele.

**Glória Sá:** Interessante, eu nunca... não conhecia isso.

Não, vocês lá pros vossos lados... A senhora é ali dos lados de Leiria, não era aquela zona?

**Glória Sá:** Não, eu sou de Soure.

Soure, aliás. Estamos pertinho, mas nesse tempo era muito longe.

**Glória Sá:** Veio pra aqui, esteve aqui dezoito anos, no Canadá. Depois do Canadá veio pra aqui, tinha aí umas pessoas... A senhora até se calhar conhece o Luís Grande. Era um sujeito que já cá estava há muitos anos. Já estava...

**Glória Sá:** Já ouvi falar dele.

E ele era sobrinho de um cunhado do meu pai. E por entremeio, conseguiu. Muitos deles vieram lá desse contrato do Canadá. Vieram antes do tempo, mas o meu pai nunca quis vir antes do tempo.

**Glória Sá:** O seu pai terminou o contrato?

Terminou o contrato.

**Glória Sá:** E depois veio praqui?

Já tinha tudo em andamento, já estava tudo mais ou menos aqui, depois terminou o contrato lá, veio praqui.

**Glória Sá:** Veio então praqui, pra New Bedford?

Pra New Bedford, exato.

**Glória Sá:** Através desse tal senhor Luís Grande?

Luís... Ele é... O nome próprio dele é... Luís Grande é o apelido, mas o nome dele é Luís Francisco. Foi proprietário de vários barcos.

**Glória Sá:** Sim, sim. Voltando à Cova. Então, o seu pai andava, portanto, embarcado na pesca, às vezes...

Seis meses no bacalhau, naquele tempo.

**Glória Sá:** Como é que era a vida quando os homens...

A minha mãe era costureira, no caso, no meu caso. A minha mãe era costureira, sempre foi, desde criança, desde os catorze anos. O meu avô já tinha uma vida relativamente... Foi um dos primeiros mestres de pesca da nossa área. Lá foi ele. Depois teve azar, morreu novo, morreu com quarenta anos. Problemas, só E a minha mãe, pois, tinha sempre os dias a

ocupado. Não todos, logicamente, mas quando era naquela altura dos bacalhoeiros, o pessoal ia pra vida deles. A minha mãe é que fazia quase... A minha mãe e outras pessoas. A roupa aquela gatinha quase toda. Aquela roupa de pano cru, depois era posta com óleo. O que se chamava roupa de oleado. Não havia nada disto que há agora, logicamente, né? Era pano cru, branco e depois eram postos com óleo. Com óleo de fígado de bacalhau e tudo. Eram pintadas pra ficar duras por causa da chuva.

**Glória Sá:** E era assim...

E outras peças normais, camisolas, calças, tudo, tudo.

**Glória Sá:** Pra eles levarem pra...

Pra eles levarem pra vida.

**Glória Sá:** É interessante, que eu não sabia dessa da roupa de oleado, que era, portanto, feita pano cru e depois levava então...

Exato.

**Glória Sá:** ...era tratada e era isso.

Assim como a senhora sabe que é uma vela dum barco, dum bote, dum dóri. Já viu, logicamente. A senhora anda a pesquisar isso, logicamente, deve saber. Tudo isso, eu cheguei a fazer, eu mais o meu pai. A minha mãe fazia o triângulo. Aquilo é um triângulo, era uma vela.

**Glória Sá:** Pois.

Punha-lhe um cabo em todo o triângulo, que era pra depois amarrar ao bote e o vento é que movia o bote.

**Glória Sá:** Esse cabo era de quê? Era de corda?

De corda, exatamente. De corda, que era pra aguentar o bote e aguentar o mastro e tudo. E uma ocasião eu lembro de uma parte. O meu pai, ele... Quer dizer, era analfabeto, mas não era... Como direi? Não era...

**Glória Sá:** Ignorante.

Exatamente. (**ininteligível 00:19:24**), exatamente. E ele, vai assim “Agora vais-me escrever aqui uma frase.” Eu, naquela altura, devia ter... Tenho ali a fotografia. Vou buscar pra você ver. Isto é uma faceta dele. Era assim que eles pescavam o bacalhau, num bote desses. O bacalhau vem aqui e vem ali. E aqui são os apetrechos todos de pesca que eles levavam. Os...

**Glória Sá:** O aparelho?

Os aparelhos, exatamente. E as linhas. Que isto levava muitas linhas pra esticar o aparelho, não é? Ele chegou a trazer duas, três fiadas de bacalhau, depois deste... Isto aqui só tem uma mão travessa. Assim, uma altura fora de água. Isto era um perigo naquele tempo. Foi imediato num barco. Ele devia ter... Não cálculo, mas ele devia ter uns trinta anos, talvez. Trinta e poucos anos. Era novo ainda. Naquela altura, ou quarenta anos. À volta disso, mais ou menos, que essa fotografia foi tirada. E era a vida deles, era essa.

**Glória Sá:** Isto aqui seria o...

Isto aqui era o estrafeço todo que ele levava. Era os cestos, era roupa, era vela. Também está aqui a vela. Ainda salienta aqui este... Está a ver aqui, assim, este coiso de pano? Isto era a vela. E aqui vinham os apetrechos todos de pesca que eles usavam.

**Glória Sá:** O balão.

O farpel. O foquim. Naquela altura chamava-se um foquim, um coiso redondo, assim, de madeira, com a comida dentro. E era isso tudo que eles traziam. Isto aqui é o cesto do aparelho em que eles pescavam. Tinha um aparelho comprido com muitos anzóis. Uma extensão comprida com anzóis.

**Glória Sá:** Isto era onde punham as linhas?

Exatamente, as linhas. Exatamente. Era o que chamava o aparelho.

**Glória Sá:** E uma coisa desta também devia ter um balão, não é?

E tinha o balão, exatamente. Tinha o ferro aqui, do bote, quando estavam ancorados. Pois, se eles, quando punham o aparelho a pescar, tinham que ancorar o bote. A pescar duas horas, ou três, ou uma hora, conforme, não é? A ir lá no bote. Era a vida deles, era essa.

**Glória Sá:** Sim, senhor. E então...

Vida dura.

**Glória Sá:** E então, em casa, como é que era a vida?

Em casa, pois...

**Glória Sá:** Começou-me a dizer que as sua mãe era...

A minha mãe era costureira, fazia a vida de casa, logicamente. Tratava de nós, é claro. Tinha mais três irmãs. Tratava de nós. E era a vida, o diário. Era o dia-a-dia delas em casa, era esse. Não podia ser outro.

**Glória Sá:** E o que é que as crianças faziam?

Brincávamos na rua. Eu cheguei a andar.... Eu cheguei a andar no pinhal, nos matos. Aquelas camarinhas. Sabe o que são camarinhas?

**Glória Sá:** Sei, sei.

Eu cheguei... Quando a minha mãe trabalhava... Isto é verdade. Isto é realístico. A minha mãe trabalhava, saía de casa às oito da manhã. Às vezes era mesmo na vizinha ao lado.

**Glória Sá:** Ela ia fazer o trabalho a casa...

Os dias dela... Era ía as casas das pessoas, exatamente. Também trabalhava em casa. Mas na altura em que o pessoal ia pro bacalhau, havia sempre aquela pressa de fazer roupas, porque era muita gente e muita gente levava aqueles sacos enormes de roupa. E, muita daquela roupa, praticamente era quase tudo à mão. Era quase tudo manual, porque naquele tempo não havia dinheiro suficiente, porque, infelizmente, alguns deles vinham de lá. O dinheiro traziam de lá, quando chegavam a casa, já estavam empenhado.

**Glória Sá:** Já estava gasto.

Já estava gasto. Já estavam empenhados. Era a vida, era assim. O meu pai, por acaso, foi sempre um dos pescadores de primeira linha. Não é por ele ser meu pai, mas a senhora pode perguntar pra quem... E a minha mãe foi sempre uma mulher, pronto.... Tivemos uma vida razoável. Não fomos criados com grandes farturas, mas nunca nos faltou nada. Graças ao trabalho do meu pai e da minha mãe, logicamente.

**Glória Sá:** Então, ía às camarinhas, subia aos carreiros.

Fazia trinta por uma linha. Eu cheguei... Eu tenho uma aventura... O meu pai tinha uma bicicleta, naquele tempo. Ele nunca teve outro meio de transporte, se não a bicicleta. Ele quando iam... Ele quando ia pro bacalhau, depois pra vida deles. Havia umas caixinhas, mesmo da caixa de sapatos, ou coisa assim. Eles tiravam as câmaras de ar. Sabe que uma bicicleta tinha uma câmara de ar, naquele tempo. Hoje é tudo (ininteligível 00:23:20), hoje é tudo diferente. Ele, punha naquelas caixinhas com pó talco, embrulhava ali aquela câmara de ar, bem embrulhadinha pra camarada não ressecar e pendurava... Na nossa casa tinha um sótão, naquele tempo, aquelas casas altas de madeira. E pendurava a bicicleta no sótão. Eu tinha... Eu era tão endiabrado, que eu conseguia tirar a bicicleta sem pneus e pegar na bicicleta e ir pro pinhal, que ficava relativamente perto, pras ladeiras, pra vir por aí abaixo. Às vezes eu chegava ali, trambolhão por ali...

**Glória Sá:** Sem pneus?

Sem pneus. Quando a minha mãe estava fora, punhamos assim por entre as casas. Quando chegámos ali à altura... A rua da minha mãe, a casa ainda está lá, logicamente. Era a rua principal, naquela altura, não havia outra. Agora há ruas por todo o lado. Já não conheço nada disso. Eu chegava ali às vezes, só pra ver se ninguém me via, pra atravessar a estrada, aquele bocadinho de estrada que era como daqui, talvez, ali à janela. Qu era a estrada, a rua da estrada, onde ficava numa esquina, pronto. Numa esquina da rua da estrada, se ninguém me... Ia pra dentro de casa, e ia pôr a bicicleta no sítio. Isso é verídico.

**Glória Sá:** E as raparigas, o que é que elas faziam?

As raparigas brincavam também. Faziam a vida delas e nós às vezes também brincávamos com elas, logicamente. Havia lá um jogo que era com um caixote de sabão, com uma bolinha pequenina, chamava sapela (??), não sei se a senhora lá lembra-se disso. E tinham outros. Tinham as bonecas, é claro.

**Glória Sá:** E disse-me que tinha quatro irmãos ao todo.

Somo três.

**Glória Sá:** Três.

Eu e duas irmãs.

**Glória Sá:** Ah, sim, sim. E as suas irmãs, como é que se chamam?

A mais velha chama-se Maria Graciosa, e a mais nova chama-se Rosa Manuela.

**Glória Sá:** E estão aqui também?

Estão. Chegaram primeiro que eu aqui, porque eu fiquei na tropa. Um ano antes. Um ano... os meus pais vieram... A minha mãe e as minhas irmãs vieram em setenta e um e eu vim em setenta e dois. E eu fiquei a acabar... a completar o serviço militar.

**Glória Sá:** Portanto, fez a escola primária na Cova? Na Gala.

Na Cova, Gala. Na escola lá da localidade, porque naquele tempo era uma localidadezinha. Ainda lá existe. Eram duas escolas, agora tem quatro. Uma por cima e outra por cima das raparigas e dos rapazes, foram aumentadas. É diferente

**Glória Sá:** E quando o senhor andava na escola, era mista, ou era também separado?

Não, no meu caso, não. No meu caso, não, mas chegou a ter um professor... Tínhamos dois professores, na ala dos rapazes, que eram independentes. As portas eram paralelas, a gente quando abria, via o quadro do outro lado e vice-versa. Mas, houve uma altura em que havia três ou quatro raparigas. Mas... Eu, no meu caso, da primeira à quarta classe, nunca tive misto. Foram sempre rapazes.

**Glória Sá:** E eram as quatro classes numa sala de aulas? Ou havia...

Duas... Quatro classes. Um professor tinha a primeira e a terceira classe e o outro professor tinha a segunda e a quarta classe.

**Glória Sá:** Havia duas salas?

Duas salas, exatamente. Só os corredores eram paralelos, assim. Via-se a porta era daqui, via-se a porta dali, via-se a secretária do professor, era só o que víamos.

**Glória Sá:** Portanto, já era uma localidade bastante grande.

Naquela altura... Isto já foi... Tenho sessenta e quatro anos, eu saí de lá com dez anos. Já foi há cinquenta e quatro anos, que eu fiz a quarta classe.

**Glória Sá:** Mas, porque quando eu andei na escola, éramos todos rapazes e raparigas.

Depende, das localidades.

**Glória Sá:** As quatro classes numa sala só.

No meu... Ainda... Como eu acabei de dizer. Houve, nalguns casos. No meu caso, enquanto eu fiz a primária, da primeira à quarta classe, nunca tivemos misturas. Eram homens primeira, e terceira classe, e de outras vezes, á medida que se ia andando, mudavam, alternavam segunda e quarta classe. Primeira e terceira, segunda e quarta classe, alternavam. Uma com a outra. Está a perceber?

**Glória Sá:** Sim, sim. Portanto, e depois de fazer a quarta classe? Diga-me...

Depois fui pra escola industrial, onde passei dois anos a passear os livros. É o termo mesmo que é esse. Não consegui, como já lhe disse, não tinha... nunca tive vontade de ir pra escola industrial. Mas, já por influências de outras pessoas e tal... Olha... E depois, cheguei aos catorze anos, fui trabalhar pros estaleiros, da carreira naval Figueirense, lá nas construções navais, de barcos. Em princípio como ajudante, carpinteiro, mas a minha intenção era ir pras oficinas. Tinha as oficinas, lógico. E tive que esperar aí um ano e tal, até que consegui a vaga de entrar na oficina. E fiz cinco anos e pouco até a altura de ir pra tropa.

**Glória Sá:** E o que é que fazia na oficina?

Era serralheiro. Fazíamos soldaduras, canalizações... Pronto, *pipes*, mas era...

**Glória Sá:** Pros barcos?

Não é como aqui. Exatamente, pros barcos. Exatamente. Fazíamos tudo isso. Pintávamos, raspávamos... Depois, quando eu tinha catorze anos, era um zero ninguenzito pequenito, tinha que fazer o que eles mandavam. Até que me coloquei na oficina e depois fui soldador, canalizador. Fazíamos esses trabalhos, tanques pra barcos, casas de lemes, já em ferro naquele tempo. Já em ferro, naquele tempo. Tudo o que fosse ferro pra construção naval. Em princípio carpintaria, ajudante de carpinteiro. Depois, passei à causa da oficina, à serralharia e mantive-me lá até ir pra tropa. Depois da tropa, vim pra cá.

**Glória Sá:** Disse então, que fez a tropa entre Figueira e Leiria?

Fiz a recruta em Leiria, no R7 e depois vim... Eles deram opção de escolha. Aveiro, Leiria ou Figueira. Eu, logicamente, estava aqui a três km de casa, vim pra Figueira. Naquela altura era três km de distância. Saíamos de casa no autocarro. Eu saía de casa no autocarro da manhã, às oito horas. Oito e meia estava no quartel.

**Glória Sá:** Então não ficava no quartel?

Ficava, mas eu desenraxava. Naquele tempo, no meu tempo de tropa, eramos desenrraxados. Eu, no meu caso, e muitos outros, tínhamos possibilidades, vinha comer a casa, sempre. E à tarde, só ficava, naquele meu tempo que eu andei lá, durante aqueles trinta e poucos meses... Só passei dois meses no recruta em Leiria. Vinha almoçar e vinha jantar a casa. Só quando tinha um serviço pra fazer de noite, que eramos escalados, e nós... Como eu era impedido duma cantina regimental, que nós chamávamos, que era um estabelecimento onde as senhoras... Era uma mercearia. Está a compreender? Onde as senhoras dos militares tinham mais facilidade em buscar a coisa mais barata. Está a perceber? Eu fui impedido aí nessa cantina, durante o resto do tempo de tropa que eu estive lá. De maneira que éramos três pessoas, três rapazes. Era um cabo e dois soldados e um Sargento, que era o chefe da cantina. E nós alternávamos uns com os outros. Por acaso, os dois rapazes que estiveram comigo, na altura, lá. Um era cabo. Um era da Régua. Olha, veja bem. Um era da Régua, de um extremo ao outro extremo. Da Figueira até à Régua. Já viu como é? E outro era de Caceira, ali, uma cidade... uma vila... uma aldeiazinha perto, antes de se chegar a Coimbra. Alfarelos. Não sei se a senhora conhece.

**Glória Sá:** Conheço.

Alfarelos. O castelo de Alfarelos?

**Glória Sá:** Sim, sim, sim.

Dessa área aí. E esse rapaz, por acaso, na altura, era casado, tinha duas crianças. E eu, quantas vezes, eu, ao sábado, estava ali a dois passos... E ele era padeiro. Ele trabalhava numa padaria. Precisava trabalhar. Isto é verídico o que eu lhe estou a dizer. Pá, ele chamava-se Francisco Panão. Ainda agora estive lá com ele. Eu quando lá vou... Ele agora tem um cafezinho lá e tudo. Ele trabalhava lá numa moedora de arroz, numa fábrica, mesmo frontal, quase ao café onde é que ele está hoje. “Fica em casa, tu, vai ali à secretaria, que eu ponho-me aqui a fazer o teu trabalho de manhã. Não tem problema nenhum.” Muitas, dezenas de vezes, eu fiz isso ao rapaz. Ele já tinha duas crianças. Já era casado. Eu era solteiro, não me faltava nada, portanto.... Fazia o jeito, ao rapaz.

**Glória Sá:** E dormia no quartel ou ia dormir a casa?

Não. Só dormia uma vez, de vez em quando, quando fazia o serviço. Eu vinha a dormir a casa, desenraxado, pernoitava em casa, comia em casa e pernoitava em casa.

**Glória Sá:** Interessante. Uma coisa que eu me esqueci de lhe perguntar, Durante a sua infância, a maior parte dos homens da Cova Gala, andavam embarcados. As mulheres é que ficavam em casa. Como é que isso afetava a relação entre homens e mulheres?

Como é que afetava? Como é que eu lhe ia dizer? Eu era uma criança, logicamente, mas hoje a vida ensina-nos é muita coisa e muitos conhecimentos, lógico. E naquela altura, tudo podia acontecer, não é? As mulheres faziam a vida deles, os maridos andavam fora, os filhos passavam o tempo a brincar, outros a estudar e era assim a vida.

**Glória Sá:** Alguém me disse que quando os homens embarcavam, que as mulheres que vestiam de luto.

Ah, isso havia, havia essa luto. Havia, havia. Antigamente havia isso. As pessoas mais antigas. No meu tempo já...

**Glória Sá:** Já não era assim?

A minha mãe, por exemplo, nunca fez esse luto. A minha mãe e muitas pessoas, mas ainda havia uma ou outra. Isso é como todas as tradições. As tradições da Nazaré era as sete saias e outras tradições todas. Hoje já não é como antigamente, é lógico. Mas é lógico, o Luis... O tempo do Luís Fidalgo, por exemplo, que ele é mais velho do que eu, dez anos. Já era uma década de anos atrás, é uma diferença grande. E é compreensível isso, não é? Pois é lógico que é compreensível. De maneira que ainda havia, havia. Eu ainda cheguei a ver pessoas nesse caso, nesse estado. Não sei o que é que hei-de considerar isso. Mas era a mentalidade das pessoas, não é?

**Glória Sá:** Claro.

Era a mentalidade das pessoas. Mas no caso da minha mãe, não. No meu tempo, em que o meu pai andou a bacalhau.

**Glória Sá:** Já não. E havia... Quem mandava?

Quem mandava como?

**Glória Sá:** Em casa.

Era a mãe. Estava em casa, era a mãe. É lógico.

**Glória Sá:** E quando o pai chegava?

Quando o pai chegava, era o pai.

**Glória Sá:** Era o pai. Então as mulheres, quando o marido chegava, davam novamente as rédeas do governo da casa?

Na maior parte da percentagem, logicamente, era o pai.

(conversa lateral à entrevista)

**Glória Sá:** Estávamos a falar de quê? De que os homens estavam...

Em casa, exatamente.

**Glória Sá:** Em casa.

Pois, a vida era mais, logicamente, os homens mais que endireitavam... que olhavam para a vida. Mas no meu caso, por exemplo, no caso da minha mãe. Ainda hoje há... Por exemplo, vamos a fazer uma comparação. Compatível ao mandar do homem sobre a mulher... Hoje em dia, e no País em que estamos, já é cinquenta por cento, logicamente. A mulher é livre e o homem é livre, não é? Fazer as coisas. Mas, naquele tempo, eu nunca ouvi o meu pai dizer assim à minha mãe. Ou não dizer à minha mãe. O meu pai chegava à casa, entregava o dinheiro à minha mãe, a minha mãe é que governava a vida. É claro, o meu pai, logicamente, tinha que saber, lógico. Mas não era aquele... Como é que hei-de dizer? Como certas pessoas naquele tempo, alguns deles, muitos deles, infelizmente, tinham aquela coisa de trazer o dinheiro todo no bolso, cheio da coisa... E em casa... O meu pai, nunca existiu isso. Com o meu pai nunca vi isso. Nunca. A minha mãe sempre foi uma mulher que soube governar a vida. Entregou sempre... Eu, ainda hoje, à minha mulher, também entro aqui... Eu passa-se meses que eu não sei o que é que se passa. Sei que chego ao fim do mês, o balanço está todo pronto. Ela até faz tudo aí. Ela tem um escritóriozinho ali no quarto. Hoje é tudo contabilizado. Não precisamos de ir ao banco. Só se for preciso, isso é tudo... Mas, naquele tempo, eu nunca ouvi o meu pai dizer assim à minha mãe “Oh, não faças isto, ou faças aquilo.” Logicamente, eles podiam ter as conversas, as relações deles entre os dois. Porque, naquele tempo, também, a vida era totalmente diferente de hoje. Nós tínhamos uma casa... O meu pai, quando comprou a casa, era de madeira. E, depois, aquilo não se fazia uma casa como se faz hoje. Era uma parede de vez em quando. E era preciso ganhar dinheiro e saber poupá-lo. Uma parede... Os pedreiros vinham lá fazer uma parede.

**Glória Sá:** Pra dividir a casa?

Não, pra substituir a de madeira, pelo cimento, ou pelos adobos de cimento, naquela altura. Passado dois ou três anos, mediante a vida, lá ia outra. E, enfim, era assim que se construíam as casas. Como se modificavam as casas. Porque, normalmente, naquela altura, era tudo madeira. Eu lembro perfeitamente disso e, logicamente, os mais velhos também se lembram. Não é como agora. A gente compra uma casa, faz ali, chama um empreiteiro, faz um orçamento. Bumba lá pra cima. Se tem dinheiro, tem. Se não tem, passado um ano ou dois, perdem tudo. A juventude de hoje é diferente. Era muito sacrifício. Uma vida muito dura. Tinha que ser uma vida muito bem apertadinha. Não havia larguras, como se costuma dizer e com aqueles à vontades... Felizmente, a minha vida aqui também não é... Faço a minha vida. A minha mulher faz a vida, logicamente. Fazemos a vida. É totalmente diferente. Hoje a vida é totalmente diferente, do que era antigamente. Muito, muito, muito diferente. Mas...

**Glória Sá:** E as pessoas eram religiosas?

Sempre fomos católicos. Normalmente eram quase religiosos, todos católicos.

**Glória Sá:** Sim?

Eu sempre fui católico também. Ainda sou católico. Embora não seja assistente. Digamos assim, que isso é verdade. A minha mulher também é muito mais católica. Também já... Mas já... Os açorianos, normalmente, são cem por cento católicos. Mas eu nunca fui... Enquanto andei da primeira à quarta classe, o professor, aos domingos... Aos domingos cabia missa lá. Era bem pertinho até das escolas. Era no meio da habitação. As escolas... Aquilo era...

Duzentos metros. A capela ficava a duzentos metros da nossa escola, onde tínhamos a escola. O professor estava lá ao alto, a ver quem é que faltava.

**Glória Sá:** Ah, sim?

No meu tempo? Professores ali. Segunda-feira. “Quem é que foi à escola?” Se não arranjassem argumentos...

**Glória Sá:** “Quem é que foi à missa?” Não é?

Exatamente. “Quem é que foi à missa?”, aliás. Se não arranjassemos argumentos... e eles, às vezes, chamavam os pais pra confirmar se realmente o filho não foi à escola... Por que motivo, se foi por este ou por aquele motivo, que cada um dizia ao professor, não é? Era duro naquela altura. Um professor lá... E eu tive um professor que era um... Naquela altura devia ser um dos melhores professores ao nível do distrito. Era duro. Ele era de Cantanhede, numa cidadezinha... Aquilo não era cidade, é vila. Então tinha pro interior de Coimbra. Cantanhede. E era um bocado dura a escola. Ele, até nesse aspecto era duro. De irmos à missa e tudo. Ele tinha...

**Glória Sá:** Quer dizer, tinha que ir à catequese também?

Catequese. Exatamente. Eu tive a catequese lá, sempre tudo. Só aqui, quando fui pra casar, fizeram-me fazer a confirmação. Coisa que eu não tinha lá. Padre Pinto. Não sei se a senhora se lembra. Está aqui já há muitos anos, não é?

**Glória Sá:** Já. Ele agora que já não é padre.

Já há muito tempo. Isto já foi há muitos anos. Já estou casado há trinta e cinco anos. Vai fazer trinta e cinco anos. Era um sujeito chamado Padre Pinto. Mas tive que fazer a... Ainda agora disse...

**Glória Sá:** Confirmação.

Confirmação, exatamente.

**Glória Sá:** Crisma.

Crisma, exatamente. Que era o que eu não tinha lá.

**Glória Sá:** E nesse tempo havia também festas?

Festas havia lá. Havia muitas festas pelas aldeias, havia sempre festas. E nós tínhamos a festa de São Pedro, que ainda hoje é feita em Julho. Agosto. Julho/Agosto. Foi agora, no mês passado... há dois meses. Festa de São Pedro.

**Glória Sá:** Em Agosto? Eu pensava que era em Junho.

Junho ou Julho. Penso que é em Julho. Junho, meados de julho. Outras vezes altera. Mais uma semana, menos uma semana. Era mais ou menos nessa altura. A nossa festa, o padroeiro lá era o São Pedro.

**Glória Sá:** São Pedro. Que é o padroeiro dos pescadores.

Dos pescadores, exatamente.

**Glória Sá:** Alguém me disse que antigamente que faziam a festa no inverno.

No inverno, exatamente. Isso já foi isso. Eu penso que tenho uma vaga ideia... Tenho uma vaga ideia. Ainda devia ser muito jovem, muito pequeno ainda. Mas eu ainda me lembro disso. Faziam no inverno. Por causa dos pescadores.

**Glória Sá:** Pra aproveitarem e estarem os pescadores em terra. E o que é que se passava nessa festa?

Passava-se o normal, numa festa religiosa. A procissão saía da igreja. Saía do átrio da igreja. Dava a volta à localidade. Junta à praia, ao mar, à beira da praia. O padre, quando chegava ali ao mar com a imagem, não só do São Pedro como tantas outras imagens, como se vão vendo numas procissões, lá fazia a coisa dele, o pregão dele, etc. A procissão continuava até entrar no átrio e recolher, na igreja. Depois, à noite, havia arraial, logicamente. Havia arraial, música, etc. Ainda hoje...

**Glória Sá:** Dançava-se?

Dançava-se. Bebia-se, comia-se. Enfim, era tudo, era a vida. Que ainda hoje existe, nas nossas aldeias. Eu cheguei a ir e... Foi quando... Como é que se chama agora aquilo? Não me lembro. Até tivemos um acidente de automóvel. Morreu um primo meu. Isto é triste estar a falar nisto, mas foi quando nós íamos... Nós até saímos. Agora não me lembro. Não interessa. Também bõo interessa muito.

**Glória Sá:** Mas está relacionado com as festas?

Com as festas, exato. Com as festas. Nós eramos novos, pois. Quem tinha um carro naquela altura... Não estava ao alcance de todos.

**Glória Sá:** Não era qualquer pessoa.

Não era qualquer pessoa. Esse rapaz que nós tivemos o acidente, ele era chefe de máquinas da Marinha Mercante. Ainda era estudante nessa altura. Pois os pais... era filho único e já viviam... Tinha uma vida boa. Razoável. Tinha um carrito. Às vezes vêm-se ainda muitos por aí.

**Glória Sá:** Portanto, o senhor... Estávamos a falar que foi pra a tropa, então. E fez a tropa e, entretanto, o seu pai, que estava no Canadá...

Já estava no Canadá.

**Glória Sá:** Veio praqui.

Veio praqui, exatamente.

**Glória Sá:** E quando...

Depois de ter acabado o contrato dele.

**Glória Sá:** Portanto, isso deve ser mais ou menos... nos anos sessenta?

O meu pai foi em sessenta e nove pro Canadá. Agora, o mês, não sei propriamente.

**Glória Sá:** Pois, pois.

Esteve treze meses no Canadá. Sessenta e nove, setenta. Depois veio praqui. Por intermédio desse senhor Luís e tal. Tinham um contrato de trabalho. Um barco chamado Capitão Albino, que era um senhor também que era lá de Ericeira. Era de Ericeira e já estava aqui há muitos anos. E tinha um barquito naquela altura. Ele chegou a trabalhar com ele. Depois... Continuou a vida, logicamente.

**Glória Sá:** Depois mandou vir a família.

Depois mandou vir a família. A minha mãe e as minhas irmãs vieram em setenta e um. Ele, aliás, voltando atrás. Ele, depois de ter acabado o contrato, deu um salto antes de vir praqui. Esteve lá em Portugal. A acabar... A acabaram os requisitos possíveis prvir pra cá com mais à vontade. Veio praqui, tinha uma irmã aqui. Uma irmã dele. Onde ele esteve a viver uns tempos.

**Glória Sá:** E como é que essa irmã tinha vindo pra cá?

Essa irmã... É a tal história. A irmã do meu pai era casada com um tio desse Luís. O senhor Guilherme... São Marcos. Não sei se conhece. Tem um barco chamado São Marcos. Um barco que está ali, que é dum primo meu. E era desse meu tio. E por intermédio dele, depois eles fizeram o contrato e aí vieram praqui. Viveram aqui no Hemlock Street. O meu pai foi viver com eles, algum tempo. Depois, quando já tinha a vida mais orientada, alguma casita, claro. Passou por dificuldades e partiu uma perna. Chegou a estar a viver sozinho. Sozinho por seis meses, com uma perna partida, sem estar legal aqui ainda. Na altura ainda não estava a cem por cento legal. Passou um bocadinho da vida difícil. Um bocadinho, um bocadão. Tinha a irmã...

**Glória Sá:** Partiu a perna no mar?

No trabalho. No trabalho, exatamente. Naquela altura, os seguros, não havia nada. Aquilo era relativamente... Teve que se aguentar. Passou um bocado da vida difícil. Até que depois continuou, começou a vida dele. Chamou... Veio a minha mãe e as minhas irmãs. Eu fiquei na tropa, mais um ano. Depois vim também praqui.

**Glória Sá:** Portanto, chegou aqui... O senhor já me disse, mas se não se importa de repetir...

Em setenta e dois.

**Glória Sá:** Setenta e dois.

Dia 8 de Julho de setenta e dois.

**Glória Sá:** E... Qual foi a sua primeira impressão da América?

Aqui?

**Glória Sá:** Sim.

Foi difícil. Muito difícil.

**Glória Sá:** O que é que achou? Quando chegou aqui, o que é que achou?

O que é que eu achei? O que é que eu lhe direi? Vamos ver se a memória ainda me lembra. Eu cheguei aqui, vivia no Division Street. Os meus pais viviam numa casita no Division Street. Sabe onde é o Division Street? Relativamente pequena. Só tinha dois quartos. Eu, por

acaso, quando o meu pai estava pro mar e vinha dormir a casa dessa minha tia, irmã do meu pai, que vivia ali no Hemlock Street, em frente àquele clube de treinos que está lá no Hemlock Street (ininteligível 00:46:33). Está a ver? Era precisamente aí, mesmo em frente a esse clube de treinos. E quando o meu pai ia pro mar, a minha mãe... as minhas irmãs dormiam com a minha mãe e eu ia dormir pro outro quarto, que era o quarto que havia. Ou então, dormia no sofazito que tinha lá. Era a vida. Foi assim. Foi o princípio da minha vida aqui. Depois eu não conhecia ninguém aqui. Outro pormenor. Eu comecei a vir ali pro... Port Artur (??) Cafe. Aquilo chamava-lhe *O Pratas*, que era de um sujeito, um Pinto. O Sr Pinto. Não sei se você conheceu, que era da minha terra. Por acaso, era da minha terra.

**Glória Sá:** Não conheci.

Eram onde os pescadores juntavam-se ali todos. Onde está agora aquela loja de ferragens, lá em frente no Hemlock Street.

**Glória Sá:** Eu sei onde é.

Está a ver? Ao lado da Farmácia Silva.

**Glória Sá:** Eu sei, sei.

Exatamente. Isso era um parque, um lote grande, num armazém grande, que está lá, que era um depósito... Uma casa do depósito do Alfea. Naquele tempo. O Alfea Fundo.

**Glória Sá:** Ah, sim?

É. Você não se lembra disso?

**Glória Sá:** Não.

Eu vi tantos carros, mulheres, homens, tudo ali... A gente fala às vezes. Como é que é possível a gente... Eu, estava aqui, era um cego ainda, naquela altura. Eu ia falar àquela gente, estávamos ali todos sentados, os pescadores, a malta da terra... Naquele tempo também não havia muitos aqui. Havia aqui o Rui... este rapazote, desta casa está a seguir ao Sr Calado. O outro, o Luís Pereira. Não sei se já ouviu falar. Um senhor chamado Luís Pereira. E era um Tó Borges. Esse senhor Tó Borges que foi... era uma das famílias que estava aqui na altura. Era o Luís Pereira. Era um Gril, um sujeito chamado Gril, que é de Lagos. Deixa lá ver, se me lembro quem era mais... Eu penso que na altura, na minha terra, eram os que estavam aí. Havia umas famílias mais, mas pra New Jersey, que eram as famílias dos Gravatós, que ainda pertenciam a mim também. Mas isso não me interessa muito, e foi assim a minha primeira impressão. Depois, é claro, adaptei-me aqui. Comecei-me a adaptar, lá consegui... Comecei a jogar a bola no Português Sport, porque eu tinha jeito pra jogar à bola. Por intermédio do Português Sport, da malta lá do Português Sport, consegui um trabalho na *Ataway* (??), nas fábricas antigas da *Attaway* (??). Depois, passado um... dois anos. Setenta e dois, setenta e quatro. No verão de setenta e quatro, os meus pais iam a Portugal, e eu disse "Vou ficar aqui sozinho? Não." E eles foram a Portugal... Olha, fui a Portugal, tive que largar a fábrica. Eles não me deram, não me deram tempo. Naquela altura, havia pessoal com fartura. Não é como agora, e vim e quando cheguei aqui, tive de procurar trabalho. Fui trabalhar pra uma fábrica de *fox* (ininteligível 00:49:22), uma fábrica de ferro, até que me consegui integrar no mar.

**Glória Sá:** Como é que se conseguiu integrar?

Foi por intermédio do meu pai. Foi com o meu pai, exato, o meu pai. Pois era um pescador já, pronto, com experiência. E esse senhor, o Luis Pereira, que eu referi, que era o dono do... o capitão do barco e o António Albino, o Sr. António Albino, que era o dono do barco, lá me deram uma chance pra eu ir. E depois, mais tarde... Mas não foi nesse barco, praticamente que eu, comecei a sério a minha vida no mar. Foi num barco chamado Boa nova, que era dum senhor, outro senhor que estava aqui na altura já. Que eu lembrei-me, de repente, o Sr. António Saltão, mais conhecido por Tónio Neu, Tónio Neu. Num barco chamado Boanova, comecei. Andei três anos, quatro anos, ali no barco, mais o meu pai. O meu pai até era o contramestre, o *mate*, chamam-lhe aqui o *mate*, Passei muito com o meu pai. Difícil, muito, muito, muito difícil. O meu pai não tinha... era daqueles...

**Glória Sá:** Não tinha paciência,?

Naqueles tempos. Rude, era rude, era duro, até na doença, ele foi duro, infelizmente. E custou-me um bocado. Muito difícil, muito difícil andar de passando.

**Glória Sá:** Eu acho que eu não lhe perguntei o nome do seu pai. Como é que se chamava?

Luís Moço. Luís Pereira Moço.

**Glória Sá:** Luís Pereira Moço? E a sua mãe?

Maria da Conceição Cação Moço, claro. Maria da Conceição Cação, o nome solteira, Moço.

**Glória Sá:** Portanto, o primeiro barco... Tem que fazer alguma coisa?

Não, não, é o relógio que tem o despertador a esta hora. Quando eu estou no clube, já sei que são onze horas, pra me controlar.

**Glória Sá:** O primeiro, portanto, o primeiro barco em que foi, foi o Capitão Albino.

Exatamente, o Capitão Albino. Também fui só um... foi só... eu fui só... Nem fui ganhar. Está a perceber? Foi só pra experiência.

**Glória Sá:** Ah, sim?

Depois, no Boa nova, é que eu comecei a minha... Quando o meu pai, depois, teve que saltar. O meu pai, depois andava, com o Luís Grande, num barco chamado Monte Negro. Foi Monte Negro, que era um barco do Felício. Você deve ter conhecido o Felício, logicamente.

**Glória Sá:** Conheci, sim.

Que era um dos grandes magnatas aí, naquele tempo. E depois, fui então pra esse barco, pro Boa nova. O meu pai, não conseguiu meter-me lá no Luís. Disse ao Luís, se conseguia arranjar lugar pra ele e pra mim, depois, tinha que ser. Tinha que depender do meu pai e fui pro Boa nova e andei seis anos no Boa nova. Aí, depois, a partir daí, pois... É a vida. Depois casei e tive que pedalar sozinho.

**Glória Sá:** Foi sempre como pescador, ou chegou também a ser...?

Cozinheiro. Andei muito tempo de cozinheiro. E estes últimos anos, também andei de cozinheiro. Mas de cozinheiro, pescador. Tinha que fazer tudo, tinha que fazer de tudo um pouco.

**Glória Sá:** Normalmente, quando os homens não têm...

Habilitações pra outras coisas.

**Glória Sá:** ...a experiência de redes.

É bom pra cozinhar. Exatamente, exato. Também porque o problema maior, é as redes. Hoje, isso comigo, já não... Felizmente, hoje, já não preciso, também.

**Glória Sá:** Quando é que deixou de... Andou noutros barcos, sem ser esse?

Andei em vários barcos, mas andei agora... Por exemplo, neste barco, que está ali, na parede. Não sei se já viu. Se a senhora reparou.

**Glória Sá:** Não, não reparei.

Está aqui. Este barco que está aqui. *Fisherman*.

**Glória Sá:** Ah, sim.

Nós chamamos *Fisherman*, é do Mário Ribeiro. Conhece o Mário Ribeiro?

**Glória Sá:** Sim, sim, sim.

E o Pedro Cura. Andei vinte e sete anos neste barco. O rapaz, o mestre, era um parente meu.

**Glória Sá:** E o Rio Mondego?

Isto é uma bateira, que está lá, na praia da cobra, em frente ao hospital. Então, foi que eles puseram lá. Fizeram uma onda, está a ver? Uma onda, género de onda aí. (ininteligível 00:52:56) Isso tirei eu agora a fotografia, há três ou quatro anos, quando lá estive.

**Glória Sá:** Está bonito.

Tem várias bateiras, dessa, lá, na área.

**Glória Sá:** Então, disse-me que andou vinte e sete anos, não foi?

Agora, neste barco, no *Fisherman*.

**Glória Sá:** No *Fisherman*. Vinte e sete anos, são muitos anos.

Foi uma vida. Foi onde eu fiz a melhor estruturação de vida, diga-se de passagem. Foi, é claro. Também sofri muito. Às vezes, sofri coisas, porque eu era parente do mestre. Tínhamos mais confiança. E, a senhora sabe, às vezes, a gente ouve coisas, que o deve ouvir e, é lógico, e derivado, ao parentesco, há sempre aquele... aquela maneira mais de... chegar... É... Como é que hei-de dizer? Era, às vezes as asneiras. Eu também as fiz, muitas, logicamente. Mas muitas vezes, paguei o justo por injusto. Como se costuma dizer. Justo plo pecador. Está a perceber? Porquê? Porque eu era parente e qualquer coisa, havia uma relação... E... logicamente, havia, às vezes, umas bocas, que a gente não gostava de ouvir. E depois respondíamos. Isto é livre, não é? E teve que se gramar. Era a vida que obrigava a gente. Tinha cinco pessoas atrás de mim.

**Glória Sá:** Quando foi a última vez, que foi ao mar?

Ora... setenta e dois... Dois mil e dois. Por isso, há três anos atrás... Eu fui operado, vai fazer três anos agora em Novembro. Dois mil e dois, por isso, dois mil e doze. Foi em dois mil e oito, dois mil e nove, mais ou menos. Três anos atrás. Eu vou fazer agora, em Janeiro, a

colonoscopia... De três em três anos. Uns é de cinco em cinco anos, depende. Fui operado ao intestino.

**Glória Sá:** Ao intestino?

Também fui operado. Era um linfomazito, e eu... Eles queriam fazer quimioterapia, mas eu disse ao médico que eu sabia o que a minha mulher, já tinha passado. Por isso, corta. Cortaram-me um bocado de intestino e felizmente, a coisa correu... Passado nove meses da operação... Por acaso, estávamos até... Estava a jogar as cartas, no clube, mais o Mário Ribeiro. O senhor Mário Ribeiro, que era o meu patrão e um sujeito, que se chama Manel Caixeiro, também é lá da terra e comecei a sentir aquelas dores, aquela impressão... Começou-me aquilo a apertar muito. Assim, por aqui... Já depois da operação. Isto foi três... Fui operada em Março, ou Maio, ja não tenho a certeza. Foi cinco ou seis meses depois. Quatro meses depois. Tudo porreiro, tudo coiso... E começou uma infecção, uma infecção a atacar, cheguei a casa, só tive tempo de chegar a casa, chamar a minha irmã mais nova, que a minha mulher trabalhava... onde trabalha antes de ser operada, ou já depois de ter sido operada. Assim é que foi. É o caso dela, que ela já tinha sido operada antes, da primeira operação. Depois fez outra e tive que ir de emergência pro hospital. Tive uma inflamação grande... bastante. Estive lá dez ou onze dias. Aquilo normalizou-se e até hoje, felizmente, ainda não tive... Às vezes sinto... os intestinos às vezes revoltam muito depressa. São coisas da digestão, sabe?

**Glória Sá:** Pois, pois.

A digestão. O intestino ficou mais curto, também. Parecendo que não, a gente precisa ter muito comprimento de intestino, lógico. Mas, tem a sua influência, não é? Mas felizmente...

**Glória Sá:** Portanto, depois de ser operado, não voltou pro mar?

Não, não, porque eu consegui o *disability* e já não estava interessado em ir pro mar. Portanto, com oitenta e oito *disability*... consegui o *disability*, depois, já... A minha vida estava estabilizada, mais ou menos. Também não estava a chatear muito. A reforma não é muita, mas dá pra viver. Também não estou pra me chatear. Lá, de vez em quando vou pescar.

**Glória Sá:** Ainda vai pescar? À cana?

Às vezes, à cana, exatamente.

**Glória Sá:** Portanto, sempre trabalhou em barcos portugueses?

Não, trabalhei num barco chamado... um dos primeiros barcos chamados *Monolight*. Que era dum sujeito americano. Mas trabalhei lá cinco meses, ou seis só. Foi depois então, quando... voltando atrás. Quando eu fui pro Boa Nova. Assim é que foi, a história. Fui experimentar. Deixa experimentar, lá três meses ou quatro. O mestre não gostou do meu trabalho, logicamente. Isto é assim mesmo.

**Glória Sá:** Quem era o mestre?

Era um sujeito americano. Agora o nome dele já não me lembro.

**Glória Sá:** E era arrastão ou era...?

Era, era a draga, era draga. (ininteligível 00:57:46), era só naquela altura. E depois é claro, tentei ir pra outro lado.

**Glória Sá:** E, nesse barco, a companhia era... havia portugueses?

Havia um português.

**Glória Sá:** Só?

Que era o *mate*. Português, quer dizer. Já era filho de portugueses descendentes, já nascidos aqui. Mas falava português.

**Glória Sá:** E os outros eram todos?

Havia dois, aliás. Havia dois. Havia, agora estou-me a lembrar. Havia um Samagaio. Não sei se a senhora conhece a família Samagaio. Está ligada ao meu primo, esse meu primo tem o São Marcos. A mulher dele, é filha de um Samagaio desses, que era um Samagaio mais velho. Mas esse também tinha... Já era daqueles antigos, ainda. Já vieram praqui de criança. Aqueles, por acaso, são todos lá da minha terra. Mas, o pai dele, naquela altura... O pai deles todos, que eles são uma série deles. Era guarda fiscal e naquele tempo, eles eram postos nas ilhas. Está a perceber? Foi pras ilhas, foi fazer o trabalho dele pras ilhas, e por lá casou e lá constituiu família.

**Glória Sá:** E foi através...

Foi..

**Glória Sá:** ...dessa ligação, que veio praqui?

Como? Eu?

**Glória Sá:** Não, não, é esse Samagaio que veio.

Os Samagaios, depois vieram praqui. Ela, a senhora dele, devia ser de lá, com certeza. Isso não tenho ideias, com certeza. E depois vieram praqui, não sei como. São uma quantidade deles, os Samagaios. Tem uma quantidade deles. Por acaso, uma das filhas... um irmão desse senhor... um dos filhos desse senhor, do Ssamagaio, é casada, com o meu primo que tem o São Marcos. O filho desse senhor, desse cunhado é o meu pai do senhor Guilherme.

**Glória Sá:** Sim, interessante. Portanto, então e os outros eram americanos? Eram, sabe se eram...?

Eramos só 5 pessoas. Mas, olhe, digo-lhe, o ambiente não foi mau. Só, pronto, não gostei, depois de coisas que se passaram lá.

**Glória Sá:** Como é que...?

A gente não entende a língua, mas os gestos, a gente percebe, não é?

**Glória Sá:** Pois, pois.

As intenções, não é? Quando... Naquela altura, porque agora é... Embora eu não saiba muito inglês, mas, talvez... desenrasco-me.

**Glória Sá:** Comparando esse barco com os outros barcos em que andou, pode-me fazer uma comparação, como era a vida a bordo do barco?

A vida era normal.

**Glória Sá:** Era semelhante? Era diferente?

Era normal, era tudo normal.

**Glória Sá:** Tudo a mesma coisa?

Só que o barco era mais pequeno, era de madeira, tinha menos condições. Estes barcos já têm melhores condições. É só a diferença que, de resto, o trabalho é a mesma coisa.

**Glória Sá:** E o senhor...

Cada um fazia o seu trabalho e pronto.

**Glória Sá:** Foi de cozinheiro também, nesse?

Não, não fui. De cozinheiro, foi só depois de já ter andado no *Fisherman*, é que eu fui de cozinheiro. No resto, eu andei sempre a trabalhar no *deck*. Mas eu passei muito, enjoava muito, no principio.

**Glória Sá:** Ah, sim?

Uhhh.

**Glória Sá:** Conte-me como foi a sua primeira viagem.

Ah, agora, minha primeira viagem não vai ser fácil agora lembrar, não.

**Glória Sá:** Se se lembra.

A minha primeira viagem não vai ser fácil, agora lembrar, não. Também já estou um bocado esquecido. Mas, sinceramente, não.

**Glória Sá:** Não se lembra?

Não foi... não foi no... Olha, agora tenho aqui um pormenor, que me estou a lembrar. Chamava-se Evelina Goularte (??), o barco. Que era, dum sujeito também que era lá da nossa terra. Manuel Carriço. Um barco de madeira, velho, antigo. Que era uma escuna, antiga. Daquelas, chamadas escunas. Aqueles barcos bacalhoeiros, que vinham pro bacalhau e aquilo era madeira e já estava tudo podre. Aquilo enjoava muito e eu tive um problema. Eu andava lá, trabalhava como motorista, e ele ensinou-me a pôr o motor a trabalhar e coiso. As coisas principais. E eu passei um bocado difícil. Muito, muito duro. O meu pai também andava lá, comigo nessa altura. Mas depois saiu. E eu fiquei lá ainda uns tempos. E foi um bocado difícil. Muito difícil. Custou muito.

**Glória Sá:** Chamava-se como o barco?

Evelina Goularte.

**Glória Sá:** Avelina Goularte.

Evelina Goularte. Evelina.

**Glória Sá:** Evelina... Andou, portanto, na pesca aqui durante quantos anos ao todo?

Trinta e... à volta, mais ou menos, trinta e oito anos, mais ou menos. Trinta e sete, trinta e oito anos. À volta disso, mais ou menos.

**Glória Sá:** Durante esse tempo todo?

Quer dizer, não andei na pesca propriamente dita. Porque eu trabalhei... Por exemplo, é muito simples. Quando aqui cheguei, trabalhei no Tichão (??), na fábrica de peixe, na descarga de peixe. Depois fui trabalhar pra Attaway, aquela fábrica ali. E da Attaway... estive lá pouco tempo, quando foi, nesse período de ir pra Portugal.

**Glória Sá:** Pois, pois.

E andei lá pouco tempo. Quando vim, também trabalhei na... Antes disso, assim é que foi. Na Columbia. Depois de sair da Attaway, antes de ir pra Portugal, fui pra a Columbia Electronic Cables, que é a fábrica ao lado. Que agora, já nada disso existe. Agora estão pra lá pequenas empresas. E depois daí, assim é que fui pro mar. Assim é que é. Depois fui pra Portugal e depois quando vim é que fui experimentar o mar. Então, no Evelina Gularte. No Evelina Gularte. Assim é que foi. Depois, foi quando fui pra esse barco, pro.... Tive lá no um aborrecimento do com o meu pai. O meu pai era um bocado duro e eu já... Também já estava saturado. "Vou experimentar a minha vida sozinho." E comecei a ir pro *Moonlight*. *Moonlight* pro Boa Nova. Enfim... E andei por mais três ou quatro barcos, talvez. Andei num chamado *Buenos Aires*. Não sei agora, também... Mais algum, possivelmente. Mas agora não me lembro. E até que vim pra aqui. Depois já tinha uma certa maturidade. Quando vim aqui pro *Fisherman*. Andei até a idade da reforma.

**Glória Sá:** Durante esse tempo todo que o senhor andou, deve ter visto muitas coisas mudarem.

Muitas coisas em que sentido?

**Glória Sá:** Na pesca, em termos das condições. Nos barcos...

Claro, mudou muito. A (ininteligível 01:03:57) da pesca foi subindo. Os barcos foram-se adaptando melhor, logicamente. E agora... Como é que direi? Agora, estas restrições impostas pelo governo, também já de há anos pra cá, também alteraram um bocado a pesca. Em parte, pra melhor, porque trabalha-se menos, traz-se menos peixe, mas ganha-se mais dinheiro. A vida também está mais cá, logicamente. Tudo é relativo, não é?

**Glória Sá:** Pois.

Tudo é relativo. E é aquilo que eu vejo na... Que eu vi, até a altura de eu ter saído e largado o barco.

**Glória Sá:** Por exemplo, e o tamanho...

Do barco?

**Glória Sá:** Não dos barcos. O número de barcos de pesca aumentou, diminuiu?

Tem aumentado, tem aumentado bastante. É sempre aumentando, isso é uma verdade.

**Glória Sá:** Mas agora está a diminuir, não é?

O que é diminuir? Eu não sei. Agora, já não estou dentro disso, mas eu acho que não está a diminuir. Está a diminuir é o pessoal. Porque há barcos aí, tipo o Carlos Rafael tem uma frota talvez à volta de uns quarenta barcos, e eles não estão todos a trabalhar, logicamente. Mas, as companhias fazem um tempo num, fazem um tempo noutro, nos escalopas, normalmente...

Nos marisqueiros, nos escalopas. E até mesmo os outros barcos que ele tem, dragas, também alternam os mestres uma vez vão pra um, outra vez vão pra outro. Ele é isso... É o latifundiário agora disto. É o homem da massa. Não sei o que é que vai acontecer nesta pesca. Oxalá que não, porque é mau pra todo, não é? Porque todos precisam de... Mas ele tem sido um tipo... Também passou a vida dele, não interessa. E agora tem... penso que deve ser o número um aí da frota da pescatória, deve ser do Carlos Rafael. Você sabe bem quem é que eu estou a falar, não é? Logicamente, deve ser.

**Glória Sá:** Sim, sim. Eu sei quem é. Os barcos também mudaram em termos de qualidade?

Sim, agora tem melhor qualidade. Têm sido remodelados e cada vez mais. Agora são barcos de ferro todos. Já tem condições, já tem um chuveiro pra um gajo tomar banho. Antigamente a gente, infelizmente... Desculpa a expressão, até pra fazer necessidade tínhamos que ir à borda.

**Glória Sá:** Sim?

Agora já tem tudo (**ininteligível 01:06:12**) uma remodelação total. Um banheiro, tem uma boa casa de banho, banheira, pra tomar uma boa *shower* e tal. Quer dizer, no outro tempo também, já havia barcos. Os primeiros que vieram, lá da Flórida, que eram barcos que andavam a trabalhar ao camarão e depois começaram... Foi quando eles começaram, há trinta e sete anos atrás. Você, não sei se conheceu o Mário Lavadinho.

**Glória Sá:** Não o conhecia muito bem.

O Fernando, por exemplo, também foi nessa altura que começou. O primeiro barco que ele tinha. Não sei se o seu ex-marido chegou a andar. Eu penso que sim. Num barco branco que o Fernando teve, que chamava... O nome dele agora não me lembro. Enfim, foi tudo já... Foi sempre tudo a subir. Sempre, sempre, sempre a melhorar, a tentar melhorar. Agora há aí barcalhões grandes. Esses barcos, hoje são barcalhões já com uma estabilidade boa.

**Glória Sá:** E têm também... bem apetrechados em termos de...

Tudo, tudo, tudo.

**Glória Sá:** Tecnologias...

Eletrónicos, tecnologias, tem tudo. Disso não falta nada. Hoje nesses barcos não falta nada. Eu quando... Voltando atrás à conversa do meu pai no Capitão Albino. Eu primeira vez... Quando o meu pai já andava no Capitão Albino, quando eu aqui cheguei, como ele disse. A primeira vez que fui lá ao barco abaixo, mais o meu pai... Uma vez ele falou assim "Vens comigo, vamos ver como é isto." Eu sabia o que era um barco, porque eu já trabalhava na construção naval, sabia bem que era um barco. Mas, aqueles barcos, naquela altura... Isto é verídico, eram de madeira. Eu cheguei lá ao rancho... Antigamente eram os barcos... não é como agora, agora tem mais comodidades. Tem boliches individuais, tem tudo. Naquele tempo viviam todos no bico do... No bico onde se fazia a cozinha, no bico do barco, da proa do barco. Era assim em diagonal, em triângulo. Os beliches dum lado e os beliches doutro, uma mesa a meio e todos viviam ali. Eu cheguei ali ao barco, foi de verão, eu via o sol pelo intervalo da madeira, das tábuas. Isto é verdade. Eram mesmo... Naquela altura não tinham...

**Glória Sá:** Não tinham condições.

Não tinham condições como agora, agora já têm condições. Embora haja um ou outro, mas normalmente hoje já tudo tem isso.

**Glória Sá:** E em termos de técnicas de pesca, mudou alguma coisa?

É, vai melhorando. Os portugueses, eu penso que os portugueses têm melhorado bastante aquilo.

**Glória Sá:** Sim?

Têm melhorado. Mas antigamente, quando aqui chegamos... em comparação com... Que eu nunca andei ao mar lá em Portugal, logicamente, mas... Ouvei conversas das pessoas mais antigas, quando aqui chegaram, era muito triste. Era muito relativo em relação à pesca lá em Portugal. Estávamos muito mais...

**Glória Sá:** Desenvolvidos lá?

Desenvolvidos, oh, pois estávamos. Então, já no meu tempo, quando eu trabalhei no estaleiro, eu fiz construções superiores a barcos desses, em madeira. Mesmo em madeira. Superiores a barcos destes. Ajudei a construir barcos de madeira, superiores a barcos destes. Barcos de madeira, que cá estavam naquele tempo, mas muito superiores. Já nos anos... Nos anos sessenta e sete, sessenta e oito... De sessenta até setenta, até eu vir praqui. Já havia barcos lá, muito bons, muito melhores condições do que aqueles que eu vim aqui encontrar.

**Glória Sá:** E... Também mudou alguma coisa no tipo de peixe que se apanhava?

Ah, pois vai mudando sempre, senhora. Então, isso é lógico. Dantes havia muito peixe. Chegávamos a tirar carradas, toneladas e toneladas de bacalhau e arincas, esses peixinhos que não tinham medida. Mas depois eles começaram a fazer estas restrições. A malha alargou mais, foi subindo. A malha chegou a ser de cinco polegadas, 5 *inches*, não é? Agora já é de seis e meia, sete. E o peixe vai... O que é que é... Há muita exploração. Havia muita exploração, agora já não há tanta. Mas, havia muita exploração e que foi um matar de peixe que foi uma coisa desconforme. Era uma pena. O convés cheio de peixe, às vezes, vinha uma sacada de peixe. Sacos compridos, peixe com cinco, seis toneladas, pra nós ganharmos trezentas, quatrocentas libras, quinhentas libras conseguimos aproveitar. A raia, não era só o peixe, logicamente. Coisa da raia, naquele tempo deitava-se fora. Agora ganhou-se muito dinheiro na raia. De há tempos... De há anos pra cá. Chegávamos a vender raia a dólar e meia a libra. E agora eles também nestas restrições e já cortaram muito. Só podem trazer, acho que é quatro ou cinco mil de raia, agora também tornava-se... mas dantes... Há anos atrás. Há dez, quinze anos atrás, a gente derretia o corpo a trabalhar na raia. Aquilo dá muito trabalho, a cortar a raia. E depois era barata, não compensava. Uma vez ou outra compensava, mas a maior parte das vezes não compensava. Não era relativo ao trabalho que nós fazíamos. Agora já...

**Glória Sá:** Mas anteriormente punham-na fora, não era?

Sim. Nem pensávamos que... Até tamboril, que era um peixe tão bom que a gente... Que agora dá bastante dinheiro, o tamboril, o *monkfish*, o tamboril. Oh pá, isso... Quantas... Sei lá, quantas tomadas de tamboril nós deitávamos fora. Depois começou a ser comercializado, mas é claro... Começou a ser comercializado e foi dando e vai dando. Agora também está mais... logicamente, já está mais... Já não há tanta quantidade.

**Glória Sá:** Quando o senhor aqui chegou ao princípio, em média, quanto é que se apanhava de peixe? Qual era o...

Oh, havia peixe com fartura. Bastante. Bastante peixe com fartura.

**Glória Sá:** Traziam quantas?

Os barcos também eram relativamente mais pequenos.

**Glória Sá:** Mais pequenos.

Exatamente. A gente chegavamos a trazer... Por exemplo, desde que começaram a haver estes barcos grandes. A construção destes barcos grandes e comprados em segunda mão, barcos velhos, que é o caso do *Fisherman*, este barco que está ali na fotografia. Este esteve no fundo. Ali em *Fall River*, havia um tipo que era cada um deles... Estes tipos de cada um deles... Que compravam sucata. Os sucateiros.

**Glória Sá:** Sim, sim.

Compravam esses barcos, punham-nos no fundo, atiravam-nos prali e depois, essas companhias... esses gajos, compravam os barcos baratos. Depois reconstruíam estes barcos. Este *Fisherman* foi um caso desses.

**Glória Sá:** Porquê é que os punham ao fundo?

Caíam, iam ao fundo por qualquer motivo.

**Glória Sá:** Ah, ok. Pensava que era...

Por si. Por si e depois eram postos de ali. Nunca viu aqui em ([ininteligível 01:12:46](#)), até aqui no rio barcos ali velhos? Ainda lá estão muitos. Os patrões não podiam aguentar aquilo e iam ao fundo. Os seguros pagavam-lhes e eles, pronto. Depois vendiam aquilo ao desbarato. Este barco foi comprado, naquela altura... Pois, foi comprado já há vinte e sete... trinta anos. Este barco já tem trinta anos de trabalho, já depois de ter sido comprado.

**Glória Sá:** E por quanto é que se comprava um barco, nessa altura?

Naquela altura, depende do barco também, mas eu penso que este barco *Fisherman*, e outros mais, o *Virginia Sands* e mais barcos desse género. Vieram praqui uma data deles. Naquela altura, eu penso que chegavam a dar cento e quarenta, à volta cento e cinquenta, cento e tal, mais ou menos. Mil dólares, por cada barco.

**Glória Sá:** Então, não era muito difícil comprar barco nessa altura?

Difícil também, dependia destas circunstâncias, de cada um. E da aventura, que cada um quisesse entrar ([ininteligível 01:13:43](#)).

**Glória Sá:** Pois, pois, pois.

Porque, por exemplo, no caso aqui do... Desculpe, agora voltando atrás. Os primeiros barcos que vieram pra aqui, eram duns senhores que eram algarvios e começaram a... Esses barcos que vinham do camarão também, no princípio. Esses, eram relativamente baratos, naquela altura. Cinquenta, sessenta mil dólares. Eram relativamente baratos, em relação aos de agora, não é? Porque a vida também não era... lógico. Eu, quando vim praqui, a minha mãe foi viver pra uma casa... Por acaso, mais tarde, eram os meus sogros, conheci a minha mulher.

Pagavamos 25 dólares por semana. Pagavamos, não. Os pais pagavam, eu nunca paguei renda de casa. Agora, a senhora não encontra uma casa assim, pois não?

**Glória Sá:** Claro.

É tudo relativo à vida, tudo relativo ao tempo. Agora, estes barcos grandes... Há aí barcos de cinco milhões de dólares.

**Glória Sá:** Sim?

Escalopas.

**Glória Sá:** Por causa, também da...

Da evolução.

**Glória Sá:** E dos apetrechos pra...

Dos apetrechos, a tecnologia, tudo... eletrónicos, máquinas, guinchos, etc. Tudo. É a evolução dos tempos.

**Glória Sá:** Exatamente. E a duração das viagens, também mudou? Eram mais longas as antes?

Quer dizer, não. Quando havia muito peixe, fazia-se mais viagens. Fazia-se viagens mais curtas. Compreende? E agora, sete, oito dias, nove dias. Eu nunca fiz mais de dez dias, neste barco, nestes vinte e sete anos que andei no mar e não foi com o... o dono do barco, o capitão do barco, o Pedro Cura. Foi quando ele ia a Portugal. Tinha que haver alguém. Naqueles dois, três meses que ele estava em Portugal. Só fiz uma viagem com um rapaz algarvio, de onze dias. Foi o tempo mais comprido que eu fiz. Agora, quando comecei a andar no mar... Nós, por exemplo, trabalhamos na costa de *Province town*, nestes barcos, no Boa Nova, e no Evelina Gularte, os primeiros barcos que eu trabalhei. Trabalhávamos ali (**ininteligível 01:15:40**) *Province town*, passadas três, quatro horas, estávamos a pescar. Na costa de *Province town*. Trabalhamos um dia ou dois, íamos tirar... porque eles ali precisavam do peixe fresco. O peixe de *Province town* era... ía pra Filadélfia, ia pra Nova Iorque, ia pra outros mercados. Compreende? Era tudo totalmente diferente. Agora, estes barcos aqui saiam daqui de Bedford, faziam sete, oito dias, seis dias, cinco dias, conforme. Quando havia os vendavais, metiam-se ali em Nantucket. Quando eram um ou dois, ou três dias. Quando o vendaval passava, voltavam a sair, voltavam a ir pro mar e depois voltavam. Por exemplo, neste do Boa Nova e no Evelina Gularte, nós andávamos sete ou oito dias de... Saímos daqui, uma semana depois e voltávamos. Mas íamos duas e três vezes a *Province town*. Tirar... Pescávamos um dia ou dois, mediante a quantidade de peixe que compensava. Depois fresquinho ali... Eles precisavam do peixe fresco. E tínhamos três enviadas, como se diz em português. Íamos três vezes, fazíamos uma viagem em três vezes. Íamos a *Province town*, depois de *Province town* vínhamos, atravessávamos o canal, e vínhamos pra New Bedford.

**Glória Sá:** Ah, interessante. Então saíam de New Bedford.

Íamos trabalhar pra costa de *Province town*

**Glória Sá:** Pra a costa, descarregavam em *Province town*.

Ficávamos ali, o máximo que a gente atingia de... Como é que se diz? De lonjura... Tem outro termo, agora...

**Glória Sá:** Distância.

Distância, mas a outra... outro termo, agora não me lembro. Era cinco horas, seis horas. O máximo. Pros mares onde a gente sabia que estava o peixe.

**Glória Sá:** Pescavam.

Exatamente. Mas também estávamos ali a duas, três horas. Também havia mares, que eram duas a três horas, na linha da costa de Province town. Agora, nos barcos grandes, chegamos a andar na linha divisória do Canadá, que eram vinte e quatro horas a navegar.

**Glória Sá:** O senhor já estava cá quando passou a lei das duzentas milhas?

Yah, já estava, já estava cá. Eu cheguei a ver, quando andei no Evelina Goularte, barcos estrangeiros, alemães e franceses e tudo... Aqueles barcos fábricas grandes, nós andávamos ali.

**Glória Sá:** Russos?

Russos, também, exatamente. Aquilo eram autênticas cidades.

**Glória Sá:** Sim.

Aquilo eram barcos que eram... Quando a gente começava assim a olhar pra eles, pensava "Quanto mais a longe, melhor." Eram cidades. É totalmente diferente.

**Glória Sá:** Alguma vez, além de Province town, faziam descargas noutros portos?

Chegamos a tirar a Boston, por exemplo.

**Glória Sá:** A Boston?

Neste barco, a Boston. À *pier* de Boston. A Gloucester, por exemplo. A Gloucester também chegamos a ir tirar. Não muitas vezes, mas algumas vezes. Eu, por acaso, nunca fui, além de Gloucester e Boston, nunca fui, mas havia outros barcos que iam pra outros lados.

**Glória Sá:** Por exemplo?

Os portos, propriamente dito, também não sou capaz agora de...

**Glória Sá:** Sim, sim.

Íam pra Newport, por exemplo, às vezes também iam. Eu sempre cheguei a ir... Agora estou-me a lembrar, também cheguei a ir a Newport, no barco do... No Evelina Goularte, também cheguei a ir a Newport. Não foi muitas vezes, três vezes ou quatro. E, mais longe, não. Nunca fui a Nova Iorque, por exemplo. Nunca tive a oportunidade de irmos a Nova Iorque tirar. Fomos a Boston, a Boston e a Gloucester. Foi mais longe que a gente... No meu caso.

**Glória Sá:** Pois, pois.

No meu caso.

**Glória Sá:** Em média, quantas viagens é que se fazia por ano?

A gente, naquela altura, fazíamos uma média de duas e três viagens. Dependia do tempo, também. Do *weather*. Mas duas viagens, uma média de duas viagens, por mês, fazíamos sempre. Eram vinte e quatro viagens ao fim dum ano. E mais.

**Glória Sá:** Depois foi diminuindo?

Depois começou a diminuir, desde que as restrições foram impostas, começaram a ser impostas, menos dias de trabalho. Por exemplo, há barcos, agora aí, com estas restrições, uns têm. É uma coisa... isto é uma discriminação, no meu ponto de vista. Se estamos todos no mesmo País deviam, ser todos... A igualdade havia de ser pra todos, não é? Mas as leis do governo impõem, não é? Há barcos com cem dias pra trabalhar. Há barcos com setenta. Há barcos com cento e oitenta. Há barcos... Conforme a tonelagem dos barcos. Quanto a mim, eu já estou fora disso, não é? Mas quanto a mim, pra mim isto é uma discriminação. Como tantos outros casos.

**Glória Sá:** E agora as restrições já não são em número de dias, não é? Agora é por...

Agora é por cotas.

**Glória Sá:** Por cotas.

Exatamente. E outra coisa que está mal, falando neste caso, na minha opinião, é só neste país, é que se vê isto. É que nós temos que pagar o peixe pra ir apanhá-lo, pra tornar a vender, pra receber algum.

**Glória Sá:** Como é que... Pode-me explicar como é isso?

É lógico. A gente paga as cotas. As cotas têm que ser pagas. O peixe, pra ser apanhado, tem que ser pagas as cotas. E depois é que é vendido, pra nós ganharmos o nosso ordenado.

**Glória Sá:** Portanto, pagam... E quem paga as cotas é...

É a companha.

**Glória Sá:** A companha é que paga?

É lógico. O barco tem a porcentagem... Por exemplo, agora é de cinquenta por cento. É *fifty-fifty*. Salvo erro, a maior parte deles. Metade dum lado, metade do outro. Antigamente, no nosso tempo, nós tínhamos a maior parte. O patrão tinha quarenta, a gente sessenta. Quarenta e cinco, cinquenta e cinco. As coisas foram-se alterando. Os sistemas foram-se...

**Glória Sá:** Modificando.

Modificando, exatamente. É assim.

**Glória Sá:** E, portanto, eles têm de comprar as cotas... Compram as cotas onde?

Têm de comprar a quantidade de peixe, de cotas, dado a cada barco. E isso que ser pago depois, as cotas.

**Glória Sá:** Então...

Têm de comprar, eu já não compro. Eu compro quando preciso de comer.

**Glória Sá:** Mas tem que se... Por exemplo, se vai... Suponhamos que o senhor estava a trabalhar pro Fisherman. E o Fisherman tem uma certa cota.

Pois.

**Glória Sá:** E vocês têm de pagar pela cota do *Fisherman*, também?

Todos têm de pagar pela cota. Todos.

**Glória Sá:** Ah. Eu pensava que era só...

Individual? Não, não, individual. É cada um comprando a sua cota, à priori tem que ser paga logo.

**Glória Sá:** Ah, ah. Interessante. E quem é que recebe o dinheiro das cotas? São os barcos?

Os proprietários, logicamente. Por isso mesmo, que estão aí barcos, parados. É mais conveniente, é mais conveniente. É-lhes mais convenientes aos patrões. (ininteligível 01:22:02) Cortina, por exemplo. Não sei se você conhece, também, que é o... do... Como é que se chama agora? Não me lembra o nome.

**Glória Sá:** É filho do António Cortina?

Cortina, exatamente. António Cortina. Esse senhor está ali, parece que está aqui nesta casa, também, coitado. É uma vida... e agora está... também está... Eu acho que ainda é vivo, penso que ele ainda é vivo.

**Glória Sá:** Ainda.

E estão parados aí e eles estão a ganhar dinheiro.

**Glória Sá:** Mas agora há menos... ou há mais oportunidades de trabalhar na pesca do que antigamente?

Ora, mais oportunidades?

**Glória Sá:** Número de trabalhos. Número de postos de trabalho.

Há mais porque há falta de trabalho... Há falta de trabalhadores pros barcos. Mas, por outro lado, há mais dificuldades. No meu ponto de vista é que, há barcos que vão pro mar com três homens só.

**Glória Sá:** Ah, sim?

Isso é dificultoso. Tudo se faz. Mas trabalhar... Um trabalho feito por seis homens, em relação a três é o dobro de sacrifício. Cada um tem que... tem que se impor com mais sacrifício.

**Glória Sá:** Qual foi o máximo... o número máximo de homens com que o senhor foi pro mar?

Chegamos a trabalhar com sete homens.

**Glória Sá:** Sete?

Quando vinha... por exemplo, no nosso caso. No nosso caso. Teve um rapaz agora que também está prestes a ir embora. Veio, quando vinha... O pai dele chegou a andar... no (ininteligível 01:23:34) com o Fernando.

**Glória Sá:** Com o Fernando.

Com o Fernando. Chama-se... Um senhor chamado Luís Marçalo. E tem um filho agora que é mais... É mais novo que eu. Ele está agora a fazer a reforma, que já anda também ali no *Fisherman* há uns... dezoito, dezassete anos, mais ou menos. E esse rapaz... Qual foi a pergunta? Que eu não...

**Glória Sá:** Número máximo de homens?

Exatamente. Foi esse mesmo. Esse rapaz, quando cá estive de visita. Esse rapaz, esse filho, desse senhor do Luís Marçalo, que é o motorista até deste barco, deste *Fisherman*. Foi pro mar connosco. Era da nossa infância, da infância do Pedro. Eramos conhecidos da terra. Andamos a estudar todos juntos, etc. Prontos, eramos da nossa... E veio aqui e andou com a gente. Fizemos sete... Eramos sete homens. Ficava um homem... Cada *trip* ficava um em terra, mas ganhava na mesma. Só pra dar a chance àquele homem pra poder ir. Está a perceber?

**Glória Sá:** Ah, que interessante.

Pra ele poder fazer aquele sete *trip* pro senhor ganhar. E ganhou bom dinheiro, naquele tempo. Naquele tempo isto já foi há... Ele já está... Já foi há uns vinte anos atrás, talvez.

**Glória Sá:** Portanto, iam só seis, mas...

Íam só seis, mas... o bolo era dividido por sete.

**Glória Sá:** Dividido por sete.

Porque quando chegava à terra o homem que ficava em terra ia ajudar a tirar o peixe. Tratar das redes. No outro *trip* seguia outro e assim sucessivamente.

**Glória Sá:** Que interessante.

No nosso caso... Aconteceu connosco. Não sei... Que eu me lembro, não sei se terá acontecido mas alguma situação. Mas no nosso caso aconteceu. Neste barco, no *Fisherman*

**Glória Sá:** Nunca ouvi ninguém dizer isso.

A senhora perguntou quantos homens. Eu lembrei-me deste caso.

**Glória Sá:** Interessante. E é mais fácil agora... arranjar o trabalho na pesca, do que era antes?

Agora é mais fácil, porque falta pessoal. No meu ponto de vista. Mas agora há uma coisa. Sabe? Agora é tão mais fácil, que nós, quando... noutra tempo... quando íamos... No meu caso, quando eu vim praqui, eu não sabia nada. Nada do mar. Eu era filho de pescador, mas a pesca pra mim era... Era na praia. À linha à sardinha e ao carapau. Era uma brincadeira. Era um passatempo. Agora... Eles têm que se limitar a levar pro mar indivíduos que não têm experiência nenhuma. Porque precisam deles. Noutra tempo... Por exemplo, atar redes. Que é uma coisa com mais dificuldade. É uma coisa que é mais necessária num barco destes de arrasto, porque... são três, quatro redes e é muito... Chegamos a ter quatro redes partidas em

cima do barco, paradas, partidas. Pra trabalhar nelas. Pra conseguirmos arranjar uma e eramos seis homens. E até nesse tempo, em que o Luís Marçalo aí esteve, sete homens. Mas o rapaz também não sabia nada e ainda hoje não sabe nada. Porque ele é motorista. Faz uns buraquitos e tal, na... Todos... Ninguém é igual a ninguém. Alguns são mais inteligentes, outros são mais capacitados pra isto, ou praquilo e etc. Uns são mais rápidos. Outros são mais lentos. A gente tem que reconhecer isso tudo. E era assim a vida. Agora está mais facilidades, porque qualquer um vai pro mar. Eles precisam.

**Glória Sá:** E aí levam... Esses barcos portugueses levam pessoas... levam homens que não são portugueses agora?

Levam, alguns casos. Quando for preciso, qualquer um dá. Agora está pra aí sul-americanos, centro-americanos, esses gajos guatemaltecos. Essa gente toda praí. Qualquer um serve.

**Glória Sá:** Sim?

Qualquer um serve. Qualquer um serve. É preciso é a pessoa precisar. Precisando... (ininteligível 01:27:01) “Tu sabes mais?” A opção de escolha já não há. Está a compreender?

**Glória Sá:** Sim, sim.

A opção de escolha já não há. Agora qualquer um serve.

(conversa lateral à entrevista)

**Glória Sá:** Também nós, se estiver de acordo, vamos até ao meio-dia depois paramos.

Não há problema.

**Glória Sá:** Deixe-me ver o que é... E os donos dos barcos? Quem são? Antes havia muita gente da sua terra que eram donos de barcos. Havia gente de...

Dantes... Quer dizer... Quando eu aqui cheguei pois eram poucos. Quando eu aqui cheguei depois essa malta nova veio e começou a empreender e pronto. Já agora há muita malta. Da minha terra, também há alguns, não é?

**Glória Sá:** Que ainda têm barcos.

Que ainda têm barcos. Há alguns já estão baratos. Por exemplo, está o Luis Cortina, por exemplo. Esse rapaz já também... Ele veio para aqui novito. Também estive no Canadá, praticamente a vida dele. Ele veio de criança praqui. Esteve no Canadá e tal. Chegou a andar no *coastguard* no... Como é que se diz? Na *navy*, não é? E ainda hoje ele, se calhar ele arrependeu-se disso. Aquele rapaz já tinha alguns sete ou oito anos quando largou a *navy* pra vir pro mar. Foi o pai que comprou o primeiro barco. Que era um barco chamado Santo António. Enfim... Perguntou se...?

**Glória Sá:** Se havia mais barcos ou quem eram os donos dos barcos agora?

Ah, pois. Naquela altura, pois... naquela altura já havia sujeitos algarvios. Os algarvios pra mim, o meu conhecimento será o de quando aqui cheguei, eram as pessoas que tinham mais barcos. Aqui eram três ou quatro senhores algarvios.

**Glória Sá:** Era o Felício?

Felício, por exemplo. Havia o Armando Estrela. Não sei se conheceu, a senhora conheceu?

**Glória Sá:** Talvez, não.

O Armando Estrela. Havia o Joaquim... Também era algarvio. Joaquim, Joaquim, Joaquim... Eu não lembro o sobrenome dele. Talvez já chegou a ter... No princípio, quando começaram a haver barcos lá do Sul, chegou a ter dois barcos. Esse era algarvio? Agora não lembro o sobrenome dele. Não interessa. Mas era algarvio. Eram os algarvios que tinham mais. Se calhar o pessoal da Figueira, por exemplo, de Ílhavo, o Mário Lavadinho, no caso. E mais um ou dois. O irmão dele, o João, também chegou a ter um barco. Mas a maioria era malta algarvia. Tinham vindo já. Essa malta algarvia quando emigrou praqui foi pra Luisiana. Onde andavam ao camarão. Havia um sujeito que era o... Chamavam-lhe o Carinhas. Não sei se alguma vez ouviu falar. Se não, esse homem era um empresário já... com bastante... Como direi? Com bastante, aceitação. Já tinha barcos na Luisiana e aquela malta algarvia vinha... Passeava tudo pra Luisiana e pra depois começar... Quando aqui, nos anos... setenta e oitenta, começou aqui a indústria da pesca a desenvolver. Essa gente veio praqui toda. Assim como a malta da Murtosa. Normalmente eles vinham pra New Jersey, prá construção. Pescadores mesmo. Pescadores. Muitos deles estão aqui agora.

**Glória Sá:** Sim, sim.

Foi nessa altura quando a indústria da pesca aqui começou a desenvolver, essa gente foi fazer a outra atividade e veio andar, veio à procura do lugar deles. Que eram os pescadores. Que era a arte deles, não é?

**Glória Sá:** Sim, sim.

Exatamente.

**Glória Sá:** Interessante. Nunca ninguém me tinha dito isso. Dessa dos algarvios irem pro camarão. Como é que eles foram prá Luisiana?

Por intermédio desse senhor Carinhas. Um senhor chamado Carinhas, que era algarvio. Veio muito jovem pra lá. Carinhas era o apelido dele. Não sei que nome é que ele tinha. Mas era o nome que eu ouvia falar. Eu não sei o nome dele. Era por intermédio desse senhor que vinham essa malta algarvia toda. Eu conheço esses fatos porque eu convivi muito com os algarvios.

**Glória Sá:** Pois, pois, pois.

Convivi muito com os algarvios.

**Glória Sá:** Interessante.

Tem aí um rapaz algarvio que é da minha idade. Ele também lhe podia dar alguns depoimentos. Mas esse rapaz é muito fechado também, não sei. Esse rapaz ainda conviveu, o pai dele e outros. Toda essa malta, quase dessa era. Os algarvios. Eles conviviam juntos. Até viviam todos. Às vezes quatro, cinco numa casa, naquele tempo. Pra facilitar mais a vida, logicamente. Olhe, por exemplo, ali por cima da padaria *New Bedford*. Padaria no *County Street*. Nessa casa é alta.

**Glória Sá:** Sim, sim.

Chegaram a viver lá quatro ou cinco rapazes, sujeitos algarvios.

**Glória Sá:** Sim?

Ainda me lembro disso.

**Glória Sá:** Como é que ele se chama?

Esse senhor que o senhor conhece.

**Glória Sá:** Esse é Luís da Silva. Ele vive... Mas esse rapaz é só em casa que o pode apanhar, que ele não é de... Olha, por acaso ontem quando fui dar uma volta... Eu costumo ir dar uma volta por aí. Faço aqui o (ininteligível 01:31:56). Umás vezes vou por aqui, outras vezes vou ali ao parque do bicho. Uma horita, ou coisa assim, de manhã. Pra desenvolver mais o sistema. E encontrei-o ali. E, esse rapaz vive, sabe onde? Eu vou lhe dizer. Agora o nome da rua propriamente dito. Não sei. A senhora vai pro forte. Mesmo em frente ao *Lighthouse*. Aquele farol que está lá no meio. *Lighthouse*. Está a ver?

**Glória Sá:** Sim, sim.

Não sei se conhece. Se alguma vez ouviu falar no Sequeira. Um rapaz que era do Buarcos.

**Glória Sá:** Sei. Acho que o filho dele ou...

Tem um filho.

**Glória Sá:** Foi casado com uma prima minha.

O filho dele? Ah, isso não sei.

**Glória Sá:** Ou talvez ele. Porque a minha prima é mais velha do que eu.

Como é que ela se chama?

**Glória Sá:** Chamava-se Aurora.

Ela era de onde? Da sua terra?

**Glória Sá:** Não, nasceu aqui. Mas...

Era filha de transmontanos, não era?

**Glória Sá:** A avó? Não. Ela...

O Sequeira.

**Glória Sá:** Mas devem ser da mesma família. Era... Ele chama-se João. É João?

Olha... João Sequeira? Não tenho a certeza. Ele é de Buarcos. O rapaz que me refiro, eles já estão separados. Já há muitos anos. Será esse?

**Glória Sá:** A minha prima casou com um Sequeira, antes de eu vir praqui. Portanto, eu nunca... Eu conheci-o, mas era ainda criança. Não me lembro muito bem.

E há quantos anos foi isso, desculpe?

**Glória Sá:** Isso já foi há quarenta e tal anos.

Então, não deve ser a mesma pessoa. Então, não é a mesma pessoa. Quer dizer, ele esteve no Canadá, foi? Esse Sequeira?

**Glória Sá:** Acho que não.

Então, não é o mesmo.

**Glória Sá:** Não é o mesmo?

Então, não é o mesmo. E o senhor era... fisicamente conheceu o senhor?

**Glória Sá:** Conheci. Mas eu era criança. Portanto, já não me lembro muito bem.

Eu também conheci um outro senhor chamado Sequeira. Que era algarvio. Também era algarvio.

**Glória Sá:** Talvez fosse esse, não sei.

Um senhor forte, sim. Fisicamente forte.

**Glória Sá:** Devia ser forte.

Também andou ao mar, esse senhor.

**Glória Sá:** Pois. Ele casou com uma prima minha. Mas essa prima minha é mais velha que eu.

Esse que que estou a referir...

**Glória Sá:** E depois estiveram muito pouco tempo casados. Um ano ou dois. E depois separaram-se.

Ah, então não é esse que eu me estou a referir.

**Glória Sá:** Não é nenhum deles?

Não, não, não.

**Glória Sá:** Bem, de qualquer maneira, nós estávamos...

Não é esse. Esse rapaz que estou-me a referir, o Sequeira, esse... Sabe aquele parque... Você vai plo... Isto é o *Rockdale Avenue*, aqui é o *Rock Avenue*, não é?

**Glória Sá:** Sim, sim.

O parque de gelo acolá à frente.

**Glória Sá:** Sim, sim.

A senhora está a ver esse parque aí?

**Glória Sá:** Sim.

A senhora quando for aqui pelo *Rock Avenue* acima, não é?

**Glória Sá:** Sim.

Encontra o parque à sua esquerda, não é?

**Glória Sá:** Exatamente.

Há uma rua aí.

**Glória Sá:** Sim.

Que vai à direita do mar.

**Glória Sá:** Sim.

Está a ver?

**Glória Sá:** Estou.

Está. Tem um *fence* até. Até tem um lado direito (**ininteligível 01:34:39**) Tem um *fence*. A senhora entra aí nessa rua, à sua esquerda. Se for pelo outro lado, é à direita, não é?

**Glória Sá:** Exatamente.

Porque está ali mesmo em frente da praia. Exatamente. Vai por aqui pelo *Rockdale Avenue*, não é? O *Rock Avenue*, não é? Corta. Entra aí, não é? Entre esse... Tem uma casinha aí qualquer. Uma casota de...

**Glória Sá:** Pois, pois.

(**ininteligível 01:34:58**) Esse coiso de gelo aí. Tem o campo de futebol depois. mas isso não interessa, o campo de futebol. Isso é depois. Entra aí nessa rua. Corta, salvo erro, na primeira ou na segunda rua à direita. São umas casas novas que estão aí mesmo. O Tony Caneira, por acaso, não conhece, pois não? Também é pescador.

**Glória Sá:** Eu já os conheci, mas agora já...

É aí nessa área mesmo. É entre o campo, esse parque de gelo e a estrada à beira-mar.

**Glória Sá:** Exatamente, sim.

Nessa área aí. Agora, o número da rua e da casa, não sei.

**Glória Sá:** Portanto esse...

É o Luís da Silva. Esse rapaz é o algarvio e passou muito a juventude dele, que o pai deixou-o aqui sozinho. Já veio da Louisiana e deixou aqui novito. Foi um dos primeiros amigos meus que eu tive aqui e que conheci, foi esse rapaz. E esse rapaz não viveu muito com os algarvios. Esse rapaz deve ter histórias de algarvios...

**Glória Sá:** Devia ser interessante.

...boas pra contar. Relativas, claro, à vida do mar.

**Glória Sá:** Pois. Então, e agora muita gente está a vender os barcos, não é?

A vender?

**Glória Sá:** Sim.

Mas eles agora até nem vendem. Eu acho que essa ideia de estar a vender barcos. Alguns. Mas, agora desde que saíram estas leis e eles têm os barcos parados, estão a ganhar dinheiro com eles.

**Glória Sá:** Estão parados, não é?

Já têm vendido alguns. Até pra África já foram alguns. Prà costa africana.

**Glória Sá:** Alguém me disse pra Cabo Verde.

Cabo Verde, prás Áfricas. Exatamente. Já foram alguns. Por exemplo, o *Imigrante*, que era do Manel Catulo, já foi. O Santa Queen, também era desse rapaz, o Carlos Camarão, tem o *Virgínia Sands*, também já foi. E mais dois ou três. Mas já foi há um ano ou dois anos atrás. Agora, a partir de há dois anos pra cá, que eu veja, parece que já não... Quem tem comprado quase tudo é o Carlos Rafael, é que tem apanhado esses barcos todos. As pessoas, quando chegam a uma idade e depois já não querem trabalhar, depois o Carlos Rafaela é que é o latifundiário disso tudo. É que é o *manager*.

**Glória Sá:** Durante a sua vida ao mar, encontrou alguns açorianos que andassem ao mar também?

Açorianos andou, por exemplo, que eu me lembre, se a memória não me falha, tive um rapaz açoriano que andou comigo. Um. E quer dizer, agora de passagem, de passagem, também só de passagem, porque de verão, por exemplo, quando nós faltávamos um homem ou dois, ou outro homem, quando os mestres iam a Portugal e o contramestre ficava com o barco... Aparece sempre, por exemplo, três ou quatro, mais ou menos. Eu penso que não muitos. Mas há muitos açorianos aí. Mas agora, andam mais é nos escalopas.

**Glória Sá:** Agora andam mais.

É mais é nos escalopas. Na pesca dos *draggers* são poucos. Comigo, que eu me lembre... talvez meia dúzia deles. Mas alternado, não fixo. Olha, agora, por exemplo, agora andava um rapaz que é açoriano, que é Valdemar, que andava no *Fisherman*, já tinha passado por lá duas vezes ou três. E agora passou por lá. Agora está lá efetivo. Mas os açorianos, agora, a malta normalmente, é quase tudo... Até os continentais. Há muita malta nova já nos esalopas.

**Glória Sá:** Sim?

Ganham mais dinheiro. É uma vida melhor. É mais dura, mas é compensativo, economicamente e financeiramente também.

**Glória Sá:** Em termos de o que se ganhava à pesca, houve algumas mudanças durante esse tempo que o senhor andou no mar?

Exato. Então, mudanças, isso é tudo relativo. Depois vai-se ganhando... Esses barcos escalopas, ganham mais dinheiro. Eu penso que também os dragas ganham mais dinheiro. Só que é tudo relativo. A vida está mais cara. O meu pai, ainda me lembro do meu pai, de conversas que eu tinha com o meu pai. Quando o meu pai aqui chegou. Por exemplo, nesse Capitão Albino, acho que o ano mais alto que ele teve foram seis mil dólares. Naquele tempo. Também eu já estou com vinte dólares, trazia um bocado de comida e tudo, não é? Pagavam-me vinte e cinco dólares por mês, por semana, uma casa. É tudo relativo.

**Glória Sá:** Pois. Mas relativamente ganhava-se mais nessa altura ou ganha-se mais agora?

Isso é uma comparação que eu... Já não tenho, assim, grande... como é que é dizer? Cálculos. Não sei, não. Eu não faço a mínima ideia.

**Glória Sá:** Quais foram os melhores anos para si na pesca?

Eu neste barco onde andei, no *Fisherman*, nestes vinte e sete, vinte e oito anos. Vinte e sete anos que eu trabalhei no *Fisherman*, foi o barco onde, relativamente, foi mais compensativo. Mais relativo, mais ou menos, mais cinco, menos cinco, mais seis, menos seis.

**Glória Sá:** Pois.

Ao fim do ano, foi o barco onde, claro, onde eu fiz a minha vida, digamos assim, praticamente.

**Glória Sá:** A posição dos portugueses em relação a outros grupos étnicos, acha que tem vindo a aumentar? Que há mais agora, relativo aos outros? Ou estão a diminuir?

Eu acho, no meu ponto de vista, porque eu, comparando na pesca...

**Glória Sá:** Sim, sim.

...claro que está, não é? Porque há muitos portugueses de vários pontos do país de todo o lado.

**Glória Sá:** Claro, só estamos a referir à pesca.

Por exemplo, da nossa área, na imigração agora não é tanto.

**Glória Sá:** Há menos portugueses?

Há menos portugueses. Da nossa área, por exemplo, da minha área, da minha área da Figueira da Forja, do Conselho da Figueira da Foz, daquela zona. Os outros, não faço a mínima ideia.

**Glória Sá:** Mas, mesmo os barcos que são propriedade portugueses, estão a...

Estão a diminuir também, porque o pessoal está envelhecendo, vão largando, a malta nova também já é pouca. Há meia dúzia deles, talvez. Há o Carlos, há o Pedro, há o São Paulo, que é o Teté, o Borges, que é sobrinho desse António Borges, filho de um irmão desse Sr. António Borges que foi entrevistar. Há meia dúzia deles. Muito poucos. Está a diminuir. Na minha ótica, penso que está a diminuir.

**Glória Sá:** O que é que acha que vai acontecer?

O quê? Isso é imprevisível, não é? Isso é imprevisível, caramba. Puxa! Isso não dá pra lhe dar uma resposta. Desculpe.

**Glória Sá:** Não?

Não dá.

**Glória Sá:** Mas da maneira que está a ver as coisas...

A gente... Isso é uma incógnita, porque já há muitos anos também passamos por fases. No meu tempo também houve fase em que nós também se interrogávamos a nós próprios. "O que é que irá acontecer?" Não é fácil. Não é fácil. No meu ponto de vista, não é? Cada um tem o seu.

**Glória Sá:** Sem dúvida. Em termos de benefícios, disse-me que, por exemplo, que quando o seu pai começou na pesca, partiu uma perna e que não tinha bons seguros. Agora as coisas melhoraram, pioraram...

Ah, nesse aspecto, eu penso que sim, que há mais segurança.

**Glória Sá:** Sim?

Não há nenhum barco agora... Ainda há. Infelizmente ainda há. Que ande ao mar sem seguros. Ainda há quem se habilite a isso. Por exemplo, neste caso do Carlos Rafael. Em alguns casos. Muitos barcos deles, segundo se consta. Eu também não lhe estou a dizer a certeza, logicamente.

**Glória Sá:** Pois, pois. Mas é o que se fala, não é?

É o que se fala, exatamente. Não tem seguros. O que é triste, não é? No tempo atual em que estamos, segundo se consta, eu não sei.

**Glória Sá:** Pois, pois.

Não posso estar a confirmar.

**Glória Sá:** Então, Sr. Luís, nós vamos ficar por aqui por hoje. Vou desligar também.

\*\*\*\*\*

**Glória Sá:** Portanto, hoje é sexta-feira e é dia catorze de Setembro. Estou novamente com o Sr. Luís Moço para terminarmos a entrevista. Então, da última vez que nós falámos, falámos também das mudanças dos regulamentos da pesca. Como é que essas mudanças afetaram os donos dos barcos, as companhias, o peixe, em geral e o ambiente? O que é que...?

Na minha ótica, é claro. Na minha maneira de ver a coisa, eu acho que melhorou, em parte. Mas, essa versão é a minha opinião.

**Glória Sá:** Claro.

Embora outros contradigam isso, contradizem. Foi melhor, em parte. Se trabalhava, não se trabalhava tanto. Não se tinha tanta carga de peixe, não se trazia tanta carga de peixe. Hoje traz-se menos e é mais valorizada. Ganha-se mais dinheiro. E a prova está à vista, que o pessoal tem feito aí bom dinheiro. Alguns, mas nem todos. Isso a vida da pesca é assim. Foi, quanto a mim, acho que é... O meu ponto de vista é esse. O resto não sei.

**Glória Sá:** E os donos dos barcos? Acha que perderam ou ganharam com isso?

Ah, isso agora não me pergunte. Mas eu penso que eles ganham sempre. Se quando dá pro pescador, logicamente tem que dar pro barco. Agora, quando o pescador... Eu, no meu caso, cada um... Há muitos que não gostam de fazer outra coisa, senão chorar. Eu não. Fiz a minha vida. Angariei o que pude, felizmente. Tenho uma reforma que me dá pra viver, à minha maneira. E não entro em problemas, nem em contas de outros, nem nada por ninguém. Passei por muitas fases. Umhas melhores, outras piores. Como é que hei-de dizer? Eu já lhe disse, engoli muita vezes o sapo, porque tinha uma família grande atrás de mim. Agora, na generalidade, não sei. Isso agora, quanto aos patrões... Eu penso que eles ficaram melhor que a gente. Esse é o meu ponto de vista é esse.

**Glória Sá:** Quanto aos *stocks* de peixe no mar, acha que melhoraram? Devido a esses regulamentos?

Os *stocks* de peixe, em parte, talvez não tenham melhorado. Porque houve mais restrições, fecharam mais áreas. E é como eu disse, o peixe valorizou. Porque, antigamente atirava-se... Já lhe disse muito peixinho ao mar. Muito peixinho ao mar.

**Glória Sá:** Pois, pois.

Eu acho que foi benéfico. Pra mim, no meu ponto de vista, foi benéfico. Embora outros contradizam isso, mas para mim, foi benéfico.

**Glória Sá:** E pro ambiente em geral, acha que é melhor?

Eu também penso que sim. Eu também penso que sim. No entanto, cada um tem a sua opinião. E a gente tem que respeitar a opinião de cada um.

**Glória Sá:** Agora, gostava que me falasse do sindicato, da União dos Pescadores. O senhor foi membro do sindicato?

Fui, sim senhora. Fui, sim senhora. Durante dezassete anos e meio. Dezasseis anos e meio. Exatamente. Fui membro durante dezasseis anos e meio. Tenho a reforma, mediante aqueles dezasseis anos e meio. Pois depende, cada um tem a sua. Quanto mais anos tiver, mais vencimento tem. Eu tive uma fase em que nós, quando pegamos neste barco pra trabalhar, trabalhamos uns anos sem União. Não sei se se lembra, nos anos setenta e seis, salvo o erro. Houve uma revolução grande, aí. Nós fomos um dos que furamos o contrato. Não se pode fugir a realidade, foi verdade. Tivemos...

**Glória Sá:** Furaram a greve?

A greve, exatamente. Não só nós. Nós fomos um dos barcos, que é aquele barco que está ali pendurado.

**Glória Sá:** Sim, foi o *Fisherman*.

Exatamente. E outros fizeram, não foram muitos. Inclusivamente, alguns fugiram até pra fora destes portos. Foram pra Newport e outras coisas mais, etc. Foi uma fase difícil. Mas tudo se passou.

**Glória Sá:** Fale-me dessa greve. Quais são as recordações que o senhor tem dessa greve?

Que recordações tenho? Como é que hei-de dizer? Diretamente, só tive... Até tive uma passagem. Nós estávamos em casa, estávamos sob uma tensão muito grande sempre. Estávamos em casa, sempre que saímos de casa, a qualquer altura aparecia um indivíduo do contra, e tínhamos problemas. E eu evitei isso sempre. Mas houveram, aliás, houveram muitos casos desses, inclusive em cafés, etc. Encontravam-se, discutiam, a discussão leva a outros pontos. E houveram outros pontos de discussão. Até houve um caso de uma navalhada, um indivíduo ou outro, aqui no *Fisherman*.

**Glória Sá:** Sim?

Não interessa estar a especificar. Isso fez parte dessa altura, dessa... Que eu tenha conhecimento. Claro, que poderiam ter havido outros mais, noutros pontos. Mas aqui na minha área de jurisdição... A área que eu frequento, foi o que aconteceu.

**Glória Sá:** Portanto, havia conflitos entre os próprios pescadores.

Houve, logicamente. Isso é como a política. Não vê que está no nosso país. Está ali no nosso país. Aquilo está uma desgraça.

**Glória Sá:** Pelo que ouço dizer, sim.

Está um problema, lá.

**Glória Sá:** Acha que a União teve um papel importante na vida dos pescadores?

O quê, nesse caso?

**Glória Sá:** Em geral.

Quanto a mim, a União teve um... Em parte... Eu, no meu caso, perdi sete, oito anos da União. Podia ter atingido os vinte e cinco anos, vinte e quatro anos. Pois ... sempre ia buscar mais algum. Não posso... Como é que hei-de dizer? Não posso... Pronto, estar a lamentar porque foi aquilo que eu fiz. Foi aquilo que consegui fazer. Foi aquilo que a minha ideia me deu. Se estaria melhor ou pior financeiramente, não sei. Pronto. Este é o meu caso.

**Glória Sá:** Mas então vocês, nessa altura da greve dos anos oitenta... Foi em oitenta e sei, não foi? Mais ou menos nessa altura?

Mais ou menos.

**Glória Sá:** Nessa altura estavam...

Olhe, já lhe digo... As minhas filhas tinham... Têm agora vinte e nove anos. Tinham meses. As gêmeas tinham meses. Foi há vinte e nove anos, mais ou menos. Vinte e nove, trinta anos. Tinham meses. Vinte e nove anos. Foi nessa altura. Eu até uma ocasião estava em casa com elas. Numa altura. Tinha uma de cada lado. Tinha sido operado a um joelho. E até... Não foi nesta casa, foi na outra. New Bedford Street. E até caí com elas no chão. Foi um problema quase que... E passou-se. Tudo isso passou, claro.

**Glória Sá:** Mas, portanto, vocês voltaram a entrar na União? É porque percebiam que tinham algumas vantagens.

Quer dizer, nós ainda andávamos... Foi nessa fase em que andamos uns quantos anos fora da União. Ainda mantivemos fora da União. Depois, mais tarde, os donos do barco entenderam... O meu... O dono do meu... Os donos do meu barco, que eu falo por mim e houveram outros muitos, que entenderam pôr na União e a gente continuou na União. E os benefícios, logicamente, sempre são alguns. Não são muitos.

**Glória Sá:** Quando não tinha a União, cada um tinha que pagar o seu próprio...

Isso pagar... Só o seguro é que nós tínhamos do barco. O seguro do barco, o barco era obrigado a ter.

**Glória Sá:** Seguro de saúde?

Seguro de saúde, exatamente. Agora, tudo quanto, além do seguro, não havia mais nada. Nós é que tínhamos que nos defender.

**Glória Sá:** Agora, gostava que me contasse como era uma viagem típica, começando com os preparativos prá viagem. Como se prepara o barco, o que é que é preciso levar, quem é que decide onde é que se vai pescar...

Quem decide? Em princípio, quem decide onde se vai pescar é o capitão.

**Glória Sá:** O capitão?

Logicamente, não é?

**Glória Sá:** Mas, começando do princípio. Quais são os preparativos que tem que fazer?

Os preparativos são os normais de sempre. Está-se em terra, tem que se tratar das redes. Vem-se do mar, tem que se tratar das redes, se elas vêm partidas. Enquanto estamos em terra, temos que tratar delas. Inclusivamente, muitas vezes, chegávamos a ir, além de estarmos dois ou três dias em terra naquela altura, fazíamos uma média de vinte e quatro *trips* por ano, uma média de dois *trips* ou mais. Isto é claro que estou a fazer um cálculo, uma média. Aquilo era sempre, durante dois ou três dias em terra, nós às vezes, pois... Todas as manhãs estávamos agarrados ao barco a tratar das redes. Cada *trip* que passava, cada continuação de *trip*, era sempre a mesma lide. Sempre a mesma lide. Tínhamos que ir pra o mar fazer a estoa, o cozinheiro ia fazer a estoa. A gente preparava o barco, o mestre fazia a contabilidade de lá nas *offers*, trazia-nos o cheque. E era sempre sucessivamente a mesma coisa. Nunca houve alteração nisso.

**Glória Sá:** Portanto, o cozinheiro é que fazia a estoa?

Yah. Normalmente, o cozinheiro é que fazia a estoa.

**Glória Sá:** E onde é que iam fazer? Onde é que compravam?

Olhe, nós por acaso tivemos muitos anos aqui um rapaz aqui no *River Street*, no canto em frente àquela... Não é o Divaldo, aquela escola... No *River Street*... A senhora vai plo *River Street*, uma escola que fica do lado direito (ininteligível 01:52:14)

**Glória Sá:** Agora também me falaram em Graham, talvez?

Não sei.

**Glória Sá:** Não me lembro muito bem também. Mas eu sei qual é.

Era uma estoazinha que estava aí ao lado, ao canto, e íamos, depois passámos a ir ao BJ's, depois tornava-se mais barato.

**Glória Sá:** Essa loja que estava no *River Street*...

Estava. Ainda está.

**Glória Sá:** Ainda está?

Só que o dono já não trabalha, está alugada a outros.

**Glória Sá:** A outros.

Parece que são espanhóis. Desse...

**Glória Sá:** Sim, sim, que até foi atacada há pouco tempo.

Foi, exatamente, duas vezes. Exatamente. Era o *City beef*, naquela altura era o *City beef*.

**Glória Sá:** *City Beef*.

Exatamente. Que era dum rapaz chamado Adriano.

**Glória Sá:** Sim, eu lembro-me do Adriano.

Que era transmontano. Ainda está, há muito tempo não o via, agora há dias apareceu ali no clube.

**Glória Sá:** Ah, é sim?

Ele ainda teve uma fase também difícil fisicamente, mas agora parece que está recuperado. E depois passámos a ir ao BJ's.

**Glória Sá:** BJ's

Porque entenderam que era mais barato e era, logicamente que era. E sempre se ganhavam mais algumas croas. Só que era aborrecido em parte.

**Glória Sá:** Porquê?

Porque nós perdíamos muito tempo na estoa. E quando a gente... Por exemplo, no caso dos cozinheiros.

**Glória Sá:** Quando iam ao BJ's, iam...

Não, só um ou dois. Só o cozinheiro e o... Chegamos a ir um *trip* um, o cozinheiro com um, no outro *trip* era outro. Andava a volta a todos. Mas chega a altura em que a coisa fica tudo desalinado. Depois complicava-se a coisa, mais pro cozinheiro.

**Glória Sá:** Quando era o *City beef*, eles já sabiam o que é que vocês precisavam?

Não, a gente... Eles... Tínhamos uma folha. Ele assinava a folha, uma folha com as marcas todas, do que é preciso e a gente assinalava lá. Chegávamos lá e entregávamos e...

**Glória Sá:** E ele punha tudo?

...ele punha tudo em ordem. Exatamente.

**Glória Sá:** Tudo em ordem.

Algumas vezes acontecia, esquecer-se de alguma coisa. Tínhamos que voltar lá outra vez pra lembrar "Olha, faltou isto, ou faltou aquilo." Isso era normal.

**Glória Sá:** Depois, então, tinham que fazer outros preparativos, não é? Tinham que ir buscar gelo...

O gelo, exatamente. O barco antes de ir pro mar, tinha que ser... Ou abastecia no cais. Havia uns *trucks*. Ainda há. Iam abastecer no cais. Outras vezes íamos à fábrica. Isso é imprescindível. Tinha que seer. O barco não podia ir pro mar sem gelo.

**Glória Sá:** Pois. Mas o senhor sabe, mas as outras pessoas que não...

Exatamente. Eu sei onde é que a senhora quer chegar, é lógico.

**Glória Sá:** Portanto, e abastecer de gásóleo, também vinham camiões.

Também vinha uma barca.

**Glória Sá:** Uma barçaça?

Eram umas bares. Um barco, exatamente. E depois houve uma altura em que havia camiões, havia companhias que faziam mais barato. Estavam a dez centavos, não sei. Mas isso, os mestres, os donos dos barcos é que... Só uma ocasião é que eu vi quinhentos dólares ao fim do ano, por consciência do patrão que tinha, não é? Mas a maior parte deles...

**Glória Sá:** Poupança, o que tinham poupado.

Poupança.

**Glória Sá:** Ah, interessante.

Quer dizer, era um desconto que a companhia dava.

**Glória Sá:** Sim, sim, sim.

Dava dez centavos por galão.

**Glória Sá:** Por galão?

Tinha cinco mil ou seis mil galões de gásóleo, ao fim de uns quantos *trips* aquilo dava, uma quantidade de dinheiro. Quando eles nos davam, à gente, ao fim do ano, trezentas ou quatrocentas dólares, calcule a senhora quanto é que eles não punham no bolso deles. É o negócio.

**Glória Sá:** É.

O negócio é assim.

**Glória Sá:** Sim, sim. E depois, então, estava pronto? O capitão é quem decidia?

É que dava ordens. “Olha, às tantas horas a bordo.” Por exemplo. “Olha, agora, larga cabos.” Só paravamos onde ele quisesse parar.

**Glória Sá:** E o que é que vocês tinham que levar prá viagem?

A roupa de oleado, luvas, tudo. Tínhamos que ir apetrechados. De inverno, tínhamos que ir apetrechados com a roupa mais dura, mais grossa, de oleado. E a roupa de...

**Glória Sá:** Interior.

Interior, exatamente. Calças, camisas. Tudo, enfim. Roupa toda interior. Isso era normalíssimo. Era normal.

**Glória Sá:** Portanto, levavam quanto tempo de viagem pra chegarem ao...

Dependia da área.

**Glória Sá:** Sim?

Nós chegávamos... Quando as áreas que agora estão restritas, estavam abertas. As áreas... As águas internacionais. Chegávamos a levar até à zona da linha divisória do Canadá, que não podíamos entrar pro Canadá e América. A nossa linha divisória, chegávamos a levar vinte e quatro horas, vinte e duas, vinte e três horas, conforme o andamento dos barcos. Nem todos os barcos têm o mesmo andamento.

**Glória Sá:** Pois, pois.

Uns levavam mais, outros levavam menos. Depois, as correntes de água também ajudam. Quando é a favor, todos os Santos ajudam, não é?

**Glória Sá:** Claro. E durante esse tempo de viagem, o que é que vocês tinham que fazer?

Se tínhamos que fazer? Depois, tínhamos que tratar das redes. Chegávamos, muitas vezes, a vir desde quinze, dezasseis horas, até aqui dentro, a trabalhar nas redes, sempre. Pra chegarmos a terra, a ver se tínhamos um bocado mais de descanso. Mas continuávamos todos os dias a ir às redes. Mesmo que não houvesse trabalho, tínhamos que ir lá de baixo.

**Glória Sá:** Tinham que ir lá. Era...

Já estava na...

**Glória Sá:** Na rotina, não é?

Na rotina, exatamente.

**Glória Sá:** Na norma.

Na norma, era isso mesmo.

**Glória Sá:** E se não tivesse, na viagem para lá, o que é que os homens faziam?

Se não houvesse trabalho, corria guardas. Quando chegava o mestre e o *mate*... Há uma boia ali em Nantucket, que é a boia divisória da área. A gente, enquanto vai entre as boias, até Nantucket, são seis horas, sete horas, mais ou menos. Aí é da inteira responsabilidade do mestre e do *mate*. Salvo a exceção, um ou outro indivíduo que já estivesse dentro daquilo, podia fazer. Pra não estar a dormir, ou a comida, já tínhamos as horas da comida, normal, às onze e meia. E às sete horas da tarde, naquele tempo. Agora não sei como é. Possivelmente é a mesma coisa, não sei. E depois corria guardas, duas em duas horas. Até chegar ao local de... o capitão punha aquilo no computador, aqui nesta linha divisória, nas linhas de pesca, treze mil e tal, dezasseis mil pro norte e pro sul. Chama-nos dez minutos ou quinze antes, que é pra chamar a companhia que estava a dormir, pra pôr a rede ao mar.

**Glória Sá:** Pra pôr a rede ao mar.

Exatamente. Era sempre a mesma coisa.

**Glória Sá:** Falou-me nas boias. Havia, portanto, pontos de referência quando vocês saíram daqui?

Não, era a saída das boias, exatamente. É o canal, é o chamado canal.

**Glória Sá:** Pois.

O canal entre boias. A gente não podia ir, nem pro norte, nem pro sul das boias, porque era seco. E alguns barcos encalhavam.

**Glória Sá:** Encalharam.

Inclusive o Lucimar, que faz parte, que era do Mário Ribeiro, um rapaz que já morreu até no Costa e Corvo. Não sei se você se lembra desse desastre do...

**Glória Sá:** Não me lembro.

Não foi há muito tempo, foi há cinco anos. Olhe, está aqui uma senhora que vive aqui. Uma senhora que é da Murtosa, que o marido também morreu lá. E, quer dizer, a gente entre as boias, depois quando chegava ali, corria guardas. A partir daí... Até aí, a inteira responsabilidade era do capitão e do *mate*. E salvo um ou outro que quisesse fazer... pronto, um jeito aí lá pra poder o outro descansar mais um bocadinho, ou coisa assim. Era sempre o mesmo. O mesmo trajeto.

**Glória Sá:** E esses pontos de referência tinham nomes?

Tinham números.

**Glória Sá:** Eram números?

Eram numerados e tinham nomes, exatamente.

**Glória Sá:** Pode-me dizer alguns dos nomes?

Tem, por exemplo, a boia onze, a boia treze, a boia quinze, a boia dezassete, a boia dezanove, a noroeste, que era... A noroeste era a boia que a gente punha, do rumo quando chegávamos à tal boia da Corner Boia, que era a que parávamos, que é depois que começávamos a fazer as respectivas guardas seguidas.

**Glória Sá:** Sim, sim.

Porque até aí era sempre da responsabilidade do mestre e do contra-mestre.

**Glória Sá:** Pois.

A partir daí já não havia boias. Era sempre...

**Glória Sá:** Mar.

Ou pra *East*, ou pra *West*. Era o rumo que o capitão traçasse e a gente tinha que seguir.

**Glória Sá:** A razão por que lhe estou a perguntar é porque tenho ouvido, às vezes, as pessoas falarem em certos pontos de referência e dão-lhe uns nomes que nem são nem portugueses nem ingleses. É assim, uma mistura.

E são os pontos, talvez, de pesca. Pontos de referência de pesca. Porque há números. Aquilo é numerado. A escala é pro norte... Sabe? Um Lourenz ou um GPS, é a mesma coisa. Pro norte aumenta. Pro sul diminui. Pra *East* diminui. E pra oeste aumenta. E a gente tinha aqueles pontos de referência. "Tens de ir até ali e quando chegar ali é que chamas." Dez minutos ou quinze minutos.

**Glória Sá:** Mas era por coordenadas, então?

Coordenadas, exatamente.

**Glória Sá:** Não eram nomes assim...

Havia um ou outro local que tinha nomes. Tinha nomes de pesca. De áreas de pesca.

**Glória Sá:** Por exemplo, lembra-se de algum?

Lembro-me. Posso me lembrar. Por exemplo, *Southeast Park*, *Northeast Park*. Havia vários outros nomes.

**Glória Sá:** *George's Bank*.

*George's Bank*, exatamente. Era uma área onde normalmente se pescava mais habitat de peixes, era *George's Bank*, exatamente. Era assim.

**Glória Sá:** Sim, senhor. E, portanto, como é que era a rotina a bordo do barco? O que é que vocês... Portanto, faziam essas guardas?

E depois, quando estávamos a trabalhar, a rotina era a seguinte. Quando o barco tinha seis homens, era quatro homens em cima e dois em baixo a dormir. De quatro em quatro horas, ou de três em três horas, mediante a escala que o mestre... Normalmente, no princípio, quando eu comecei a trabalhar ao mar, era quatro em quatro horas. Oito horas em cima e quatro em baixo. A rotina. Seis homens num barco, tinha sempre dois homens em baixo. E com cinco homens também tinha, só que o mestre às vezes tinha que vir lá de cima pra ajudar cá abaixo. A engatar as portas, por exemplo. Que aquilo tem umas portas que a gente tem que prender as portas pra desligar o aparelho que vem a pscar das portas pra ir pro *drum*.

**Glória Sá:** E o *drum* é que puxa a rede.

O *drum* é que puxava a rede, exatamente. Mas eu também andei a trabalhar em barcos de borda que eram totalmente diferentes.

**Glória Sá:** Ah sim?

A gente é que puxava a rede à mão.

**Glória Sá:** Puxava a rede à mão? Não tinha um guincho?

O guincho primeiro. Mas quando a rede chegava à borda, as pontas das redes ficavam em cima. Tínhamos uma corda que se chamava um laracho. Puxava o saco até à borda. E depois as barrigas da rede...

**Glória Sá:** O saco?

Não, as barrigas da rede, eram também puxadas à mão, até cima da borda. Punhamos até assim, de joelhos, presos na rede. E muitas vezes alguns iam ao mar.

**Glória Sá:** Sim?

Quando o mar estava em alta, aquilo vai abaixo e acima. Aquilo não está... Não é como a gente está aqui na mesa.

**Glória Sá:** Pois, pois.

Tínhamos que largar aquilo tudo. Mas ficava sempre preso por aquele cabo. A gente chamava o laracho. Aquilo ficava preso, porque havia um homem sempre no guincho, a virar aquele cabo até que a rede chegasse ao pé da gente. E era assim.

**Glória Sá:** Portanto, puxar a rede por...

Manualmente.

**Glória Sá:** ... era mais perigoso do que...

Era nos barcos de borda. Era mais perigoso. Mas muito mais perigoso. Depois começaram a aparecer os barcos de com dramos de arrastar pela ré. Aqueles arrastavam de lado. Aqueles barcos de borda arrastavam de lado. O aparelho vinha assim ao prolongado com o barco. Enquanto estes, não. Vinham diretos com o barco. Isto é a proa do barco, a rede vinha pra trás. Agora, num barco de borda, a rede vinha pra lateral do barco.

**Glória Sá:** Pois, pois.

É totalmente diferente.

**Glória Sá:** Portanto, quando lançam a rede ao mar, depois têm que afastar o barco da rede?

Quando a rede é lançada ao mar, depois da rede sair do *drum*, neste caso, temos os guinchos com trezentas, quatrocentas, quinhentas braças de *wire*, de arame. E aqui depois depende da fundura onde andamos, da altura da água, do limite da água. Porque, se andamos, por exemplo, em trinta braças. São três vezes três. Três vezes um. Trinta dá noventa braças. Tínhamos que arrear noventa braças de cabo. Se andássemos a cem braças, tínhamos que arrear trezentas braças de cabo. Era sempre triplicado. Tá a compreender? Mediante a altura, a profundidade onde nós andássemos a pescar.

**Glória Sá:** Sim, sim.

Ou ainda andando ou continuam. É assim.

**Glória Sá:** E o barco continuava ali ou...?

Não, o barco andava três, quatro horas, depende. À procura. Ora vínhamos neste rumo, ora chegamos ali quando o capitão entendesse que já conhecia os fundos, conhecia através do mapa, conhecia os fundos. Iam mais uma hora prali, depois davam a volta, vinham pro mesmo lado, ou iriam pra outro, dependia das zonas.

**Glória Sá:** Desses barcos em que se puxava a rede de borda, lançava-se ao mar pela ré?

Não, não, plo lado.

**Glória Sá:** Plo lado também? Mas depois ficava...

O barco tinha que fazer um jeito pra a rede começar a esticar, pra quando ela estivesse prolongada com o barco, depois de aberto. Porque a rede tinha o saco e as barrigas e as asas, logicamente. Aquilo não se podia fazer como se faz num barco de ré. Cai a rede na água... cai num barco de popa, automaticamente está a puxar por ele.

**Glória Sá:** Pois, era o que eu estava a pensar.

A diferença é essa. Num barco de lado, o mestre tem que fazer jeito pro gajo pegar na rede, que é pra depois poder largar o aparelho.

**Glória Sá:** Exatamente.

Está a perceber a diferença?

**Glória Sá:** Era o que estava a pensar também.

Isto é mais fácil agora. É muito mais fácil, logicamente.

**Glória Sá:** Portanto, a que horas é que tomava o pequeno almoço, por exemplo?

Normalmente era às onze e meia, no meu tempo. Às onze e meia. Também dependia. E muitas vezes estávamos a almoçar e acontecia, o barco pegava em qualquer parte, de pedra ou coisa assim. Tínhamos que largar o comer. Tínhamos que ir logo pro guincho, virar o guincho. Enfim, era a vida.

**Glória Sá:** Ao pequeno almoço, cada um fazia o seu, ou...?

Nalguns casos era. Mas, no princípio o cozinheiro fazia sempre o almoço. Há muitos anos atrás. Mas, depois deixou-se e não foi em todos os barcos. Nalguns barcos, deixou-se de fazer esse ritmo, do cozinheiro ter que fazer... Ainda há quem faça esse trabalho, mas aqui no barco, onde eu andei vinte e sete anos, também chegamos a fazer isso. Mas depois ele entendeu “Olhe, cada um que desenrasque-se.” E pronto, nós íamos ao frigorífico, tirámos o que queríamos, o queijo, qualquer coisa, ou ovo, fritar um ovo ou dois. Desenrascavam-se.

**Glória Sá:** Café?

Cada um desenrascava-se. Café havia sempre. Café havia sempre uma cafeteira sempre.

**Glória Sá:** Sempre?

Sempre pronta. Hoje até é tudo elétrico, não há problema. Dantes é que tínhamos que andar com a cafeteira na mão, pôr em cima do fogão, e tínhamos que estar com o olho no fogão quando estava off. Agora já não é preciso, agora não. Eu até fiz agora... Agora por acaso fiz eu. Agora já não tenho. Agora quando vou lá, já não tem. Fiz um, como é que hei-de dizer? Um bocado de madeira prá cafeteira. Por exemplo, aquilo é uma cafeteira de café, mas não era daquilo. Isto é moderna destas agora. daquelas redondas, pra encaixar com uma altura suficiente, pra não rolar. Está a perceber?

**Glória Sá:** Pra não cair.

Pra não cair, exatamente.

**Glória Sá:** Sim, senhor.

Agora é tudo disto. Agora usa-se. Há barcos, hoje barcos aí bem equipados.

**Glória Sá:** Bem equipados.

Yah. Mas aquilo a cafeteira de café, hoje é fácil. Dantes, quando era pra fazer a cafeteira ao lume, no fogão, era preciso estar sempre com o olho nele. Ou seja, a gente também usava uns ferros cruzados, sabe?

**Glória Sá:** Sim, sim.

Mas de qualquer maneira, os ferros tinham ajustamento. Mas, de qualquer maneira, o ajustamento não dava. Quando o barco era muito, *off*. Não havia problema. Aliás, havia sempre problema.

**Glória Sá:** E ao almoço comiam então, comiam carne?

Carne, exatamente. E ao jantar era peixe.

**Glória Sá:** Peixe. E o jantar era mais ou menos às sete horas, disse?

Sete e meia, sete horas. Sete e meia, mais ou menos. No meu tempo, lógico. Agora, não sei como é que se processa.

**Glória Sá:** Pois, pois.

Hoje já não estou lá. Mas eu penso que a rotina deve ser a mesma. Também não deve fugir muito do normal.

**Glória Sá:** Levavam também vinho e cerveja?

Yah.

**Glória Sá:** Isso era permitido por lei?

É ilegal.

**Glória Sá:** Mas toda a gente levava?

Ainda hoje é ilegal.

**Glória Sá:** Sim. Pois hoje eu sei que é ilegal.

Mas se não fosse assim, o comércio também estava mal, não é?

**Glória Sá:** Sim, pois é.

Tudo isto de movimento dinheiro, não é?

**Glória Sá:** Quantos levavam o vinho em garrações?

Não levávamos em garrações, levávamos em *cases* de quatro garrações.

**Glória Sá:** Garrações...

Chegávamos a levar vinho individual, vinho português, que era feito, criado na Nazaré. Que chamavam o nome dele, uns garrações empalhados de plástico branco.

**Glória Sá:** Camilo Alves ou coisa assim?

Como?

**Glória Sá:** Camilo Alves?

Não, não era. Tinha outro nome qualquer, não me lembro. E hoje em dia também continua na mesma.

**Glória Sá:** Por exemplo, quantos garrafões é que levavam?

A gente, dependia. Por exemplo, estou a fazer um cálculo no meu caso, não é? A gente levava quatro, seis. Um *case* de quatro, mais dois às vezes, cinco, seis. E vinho branco também, pra temperar a comida. Levávamos um garrafão ou dois de vinho branco. Mas em alguns casos nem oito chegavam. Em alguns casos nem oito chegavam. Chegavam a meio da viagem, em alguns casos já faltavam peixe... Vinho, aliás.

**Glória Sá:** E levavam cerveja também?

Também levavam cerveja, levavam cerveja. E levam, continuam a levar.

**Glória Sá:** Quando se tem sede não se bebe água, bebe-se vinho, não é?

Não, mas água também havia.

**Glória Sá:** Também?

Também levávamos galões de água.

**Glória Sá:** Sim, sim.

Também levávamos galões de água. Inclusive pra fazer café também era com água dessa água do garrafão. Não usávamos água da torneira, porque aquilo muitas vezes... Por exemplo, o barco onde eu andei, às vezes aquilo era barro. Aquela ferrugem, aquela coisa da ferrugem. A gente não podia usar isso. Nem pra comer, às vezes. E depois quando as coisas não eram tratadas... A gente tem casa, não é? (**ininteligível 02:09:43**) que é diferente, não é? Mas as pessoas quando querem as coisas tratadas... Se tivessem orgulho de fazer as coisas, faziam, só que não se importo. Quero primeiro o dinheiro, depois... Enfim.

**Glória Sá:** E levavam também fruta, legumes...

Fruta, exatamente, legumes, tudo o que era preciso. Tudo o que se faz em casa, lá levávamos tudo. Havia barcos que tinham *freezers* e tudo, não é? Além do frigorífico, tinha *freezers*. Os secos, normalmente, a gente tinha, à volta da mesa, tinha umas bancadas onde nós sentávamos, mais ou menos desta largura e desta altura. Onde nós arrumávamos, pronto...

**Glória Sá:** Batatas, fruta, cebola...

Batatas, fruto, tudo, secos, tudo. Só que é que era de frigorífico ía pro frigorífico. O que fosse seco, ia prali, pronto. Nas locas, que a gente chama as locas (**ininteligível 02:10:26**).

**Glória Sá:** Sim, senhor. E faziam sopa também?

Também fazíamos sopa. Eu nunca fui muito de fazer sopa. Mas havia malta que fazia sopa. Eu andei, por exemplo, quando começávamos a trabalhar neste barco, havia um rapaz chamado Fernando Carvalho. Não sei se a senhora o conhece.

**Glória Sá:** Não, não.

Que ele era da Figueira, ele agora também está aí. Está aí, vai e vem. Está lá e cá. Esse tipo, quase todos os dias fazia, tinha mesmo... Ele sabia... ele era... Como é que hei-de dizer? Ele tinha gosto daquilo. Ele fazia e sabia fazer sopa bem. Porque ali no mar é difícil. Ele, às vezes, antes de se ir deitar, já deixava a panela ao lume. Quando o mar estava liso, quando o

mar estava liso. Logicamente, naquela altura, quando o mar estava... aquilo era um problema. A sopa era um problema. Mas fazem. Eu penso que continuam a fazer, alguns.

**Glória Sá:** E... Quando não tinham... Quando estava mau tempo, ou quando... sei lá, entre os arrastos... Quando tinham algum tempo livre, o que é que faziam a bordo?

Tratávamos das redes. Ou dormir ou tratar das redes. Chegávamos a andar à rola com mau tempo. Mau tempo, mesmo mau tempo. *Northeast* duro. Vagas de trinta pés, vinte e tal pés. O que é que nós fazíamos? Dormíamos e o barco andava à rola e continuávamos a correr guardas. Duas em duas horas, estava sempre um homem lá em cima.

**Glória Sá:** Tinham alguns passatempos? Jogavam cartas?

Jogávamos as cartas.

**Glória Sá:** Jogavam cartas?

Claro. Passatempo era jogar as cartas.

**Glória Sá:** Viam-se filmes?

E também... Hoje não há barco nenhum que não tenha televisão. Tudo tem. Tem... Como é que hei-de dizer? Antenas parabólicas e tudo, tem tudo. Apanham tudo o que é... Como se fosse em terra. Agora não há barco, sem tudo apetrechado. Agora, naquele tempo não. Havia uma televisãozita pequena pra pôr uns *tapes* pra ver os filmes e tal. Mas também era aqui perto, a partir de um certo limite de distância que aquilo apanhava. Agora não, agora já está tudo apetrechado. Já vêm televisão a qualquer altura, a qualquer momento.

**Glória Sá:** Levavam coisas para ler também?

Também, livros, jornais. Nós, no princípio, levávamos muitos jornais. Jornais A bola e outros jornais mais... Diário de Notícias, Primeiro de Janeiro... Quem quisesse lia o que queria.

**Glória Sá:** Ah, sim? Onde é que comprava esses jornais? Era...

Sempre compramos ali ao Norte, na casa da...

**Glória Sá:** Da Pimentel?

Da papelarias Pimentel e noutros assim, exatamente. E aqui no Escondidinho também... O Paulo, aqui Escondidinho, aqui no *Country Street*, sabe? Esse rapaz também comprava, também vendia jornais. O princípio, a gente... Também levávamos daí. E depois houve uma altura, houve muitos anos que aquilo era à conta do... Levávamos. Aquilo era pago plo barco. Pago plo barco, quer dizer... A nossa percentagem era nossa e a do mestre era do barco. Mas depois aquilo acabou. E cada um depois, se quisesse, levava o que queria. Ainda hoje levam. Cada um leva o que quer.

**Glória Sá:** E tinha...

Eu era jornal A bola, porque gostava muito de ler jornal A bola. No mar não tinha mais nada... Mas havia malta que gostava muito de ler. Eu não, tinha a minha vista já não dava pra isso e ainda hoje ainda pior.

**Glória Sá:** E de que é que falavam?

Tantas coisas. Tantas vidas, tantas coisas.

**Glória Sá:** Política?

Às vezes. Também se entrava nesse campo, porque não?

**Glória Sá:** Da bola?

Da bola. Política. Mas isso política eu punha-me ao lado disso tudo. Não quero nada de política. A bola ainda gostava de falar.

**Glória Sá:** Havia alguma coisa que não se pudesse falar? Que era tabu, digamos, que não...

Ah, quer dizer...

**Glória Sá:** Que dava má sorte, por exemplo?

Ah, eu nunca tive... Nunca... Como é que hei-de dizer? Eu nunca fui...

**Glória Sá:** Supersticioso?

Não, nunca fui supersticioso a esse ponto. Não poder falar é umas... Vidas... Nossas. Entre nós. Amizades, não é? Coisas assim do género.

**Glória Sá:** Pois, pois.

Isso é normal.

**Glória Sá:** Mas havia homens que eram supersticiosos? Que diziam que não se pode falar disto ou daquilo?

É, lógico. Olha, eu andei com uns senhores, por exemplo... Senhores da idade do Tó Borges. O Sr. António Borges. Já no tempo em que aqui cheguei, eles eram as primeiras pessoas. O Sr. Manuel Ribeiro, que é o sogro desse rapaz Luís, que eu lhe dei o nome. Esse homenzinho... Nem uma má palavra ele admitia que falassem ao pé dele.

**Glória Sá:** Sim?

Sabe que no mar a gente... a vida é dura e às vezes, pronto... lá disparadamente. Mas aquele homem... Ainda era do tempo... como o meu pai, naquele tempo... Aquilo era o... Era o Salazaristas, como é que se costuma dizer? Aquele homem nem... Nem admitia que dissesse que algum gajo mais novo do que ele desse uma má palavra. Porque a gente às vezes... Olha "Vai pra ali, vão pra acolá..." Palavras... Não eram ofensivas.

**Glória Sá:** Pois.

Era debaixo do sistema dos nervos.

**Glória Sá:** Pois, da pressão.

Exato, da pressão que a gente exercia. Isso era normal.

**Glória Sá:** Mas eu ouvi dizer que havia pessoas que não se podia falar em padres. Que dava má sorte. Ou macacos.

Ah, são substitiosos. Alguns são, logicamente. Nem somos iguais. Isso é normalíssimo. Eu nunca tive... esse problema. Eu nunca me enfrentei com quem fosse sobre isso. Não, nem me enfrento. “Gostas, gostas. Não gostas, eu calo-me. Que é que queres?”

**Glória Sá:** E rezar? Rezavam?

Ah, isso agora depende, de cada um, logicamente.

**Glória Sá:** De cada um.

Do credo... que cada um tenha. Uma das coisas que nós... Uma das coisas que estava pra falar, nesse ponto. Era quando saímos aqui... Os *gates*, ao portão. Os católicos nossos. Que eu também sou católico, embora não seja assistente. Tínhamos sempre aquela... Não era a superstição, era o hábito já da gente, quando vai sair, o pessoal ia pro mar, antigamente no tempo do meu pai andava cinco, seis meses pro mar. Era um adeus mais longo. Agora aqui a gente também fazíamos isso, mas...

**Glória Sá:** Benziam-se?

Benziamos, exatamente. Só à entrada. E às vezes à saída também. Havia um rapaz que andava lá com a gente que era à saída, à entrada. Ele quando chegava ali... quando via que estávamos mesmo a chegar ali, já vinha cá pra cima pro convés pra fazer esse trabalho. Tinha a ideia dele.

**Glória Sá:** Passou alguma vez... Teve alguns acidentes? Houve maus tempos? Maus tempos que causaram problemas a vocês no mar?

Ah, isso é lógico que sim.

**Glória Sá:** Tempestades?

É claro que sim. Problemas de desequilíbrio, pois a gente às vezes... Em uma ocasião, ainda não me lembro. Estávamos a virar o aparelho. O mar bum, entrava por um lado, entrava por outro. Eu não sei o que aconteceu, que eu caí no chão e fiquei inanimado. Um camarada meu é que foi, viu e pôs-me a mão. Comecei a reanimar e... E quem diz eu, diz outros tantos. Uma ocasião, esse rapaz, esse Luís Marçalo, que era o motorista do barco, no ano em que veio aqui, que eu já disse que ele veio aqui de visita, uma ocasião em que andamos com sete, daquela história que ficava um sempre em terra. Tínhamos o convés cheio de peixe, como está aqui ou mais. Ele tinha pouca experiência ou nenhuma mesmo. Ele estava a tratar do peixe, como nós estávamos aqui. Uma volta no mar, veio e embrulhou-o junto com o peixe. A gente deixou de o ver e tudo “Eh pá, onde é que está este homem?”

**Glória Sá:** Ele caiu ao mar? Ficou debaixo...

Não, ficou embrulhado depois.

**Glória Sá:** Na rede?

Não, não, aqui no quete, nos quetes. No tratat do peixe. O peixe foi pro convés. É depois do peixe vir pro convés que a gente trata dele. Este tipo está aqui. Este peixe aqui está em bruto. Está a abrir o peixe, a amanhar o peixe, e a pô-lo praqui. Que é pra depois o outro que está aqui, que não se vê, possivelmente está a limpar a tripa. Pra pôr pra um tanque que nós usávamos pra lavar o peixe. Está a perceber? E eu aqui também estava a fazer a mesma coisa, só que por brincadeira pus-me a brincar com o capitão que estava a tirar a fotografia. Eu

como tinha muita confiança com ele, pus-me nessa posição. A minha posição era aquela também. Eu e ele estávamos a cortar praqui pros outros limparem. Pros outros dois, que neste caso eramos quatro. Pros outros limparem.

**Glória Sá:** E depois...

Não se vêem aqui na fotografia.

**Glória Sá:** Portanto, vocês separam também o peixe por espécies?

Exatamente.

**Glória Sá:** E depois vai para o porão?

Vai pro porão também dividido em... Como é que se diz, nas quarteladas que o porão tem. Uma qualidade de peixe vai praqui, outra... Não se mistura o peixe um com o outro. Às vezes o grisol, meia dúzia deles, de peixe pouco, pra não estar a usar... Porque o porão tem seis, ou oito, ou dez secções. Às vezes, uma vez ou outra lá se misturava, mas já quase no fim do *trip*. Normalmente não se misturava.

**Glória Sá:** Quando não havia o suficiente pra...

Exatamente. Quando já tínhamos o peixe, já tínhamos os *pens*, chamam-se *pens*, todos ocupados.

**Glória Sá:** Que espécies é que apanhavam normalmente?

Muito bacalhau, arinca, (**ininteligível 02:19:46**), *yellow tails*. Depois já havia os peixes miúdos. A abrotea. Isto já não é miúdo. É peixe grande, a abrotea. *Monkfish* e muitas outras qualidades. Tantas outras.

**Glória Sá:** Apanhavam também lagosta, camarão?

Lagosta também apanhávamos, mas era posta num tanque com água. Quando a lagosta vinha pra cima, havia um homem ou outro que tratava a lagosta. Tinha que se pôr uns pinos de... Quando eu comecei ao mar eram uns pinos de madeira assim que se punham.

**Glória Sá:** Nas patas?

Na pata, na pata que morde. Há uma pata... Um ocasião, uma deu-me um corte que me abriu aqui isto tudo. Ficou pegada aqui assim, larga. Quanto mais larga, mais pior é. E quem diz a mim, diz a outros tantos. Agora é com umas borrachinhas, umas borrachas.

**Glória Sá:** Pois, pois.

Mais ou menos desta largura, talvez nem tanto. Com um alicate próprio, pega-se na lagosta assim, na coisa da lagosta, na perna da lagosta e faz-se assim, pronto, fica trancada. Depois vai pra um tanque de água. É água sempre a circular. Com uma mangueira de água sempre a circular, claro.

**Glória Sá:** E a lagosta era vendida à parte do peixe?

Era vendida à parte do peixe. Era e ainda continua a ser. Mas vai tudo pro *stock*, é claro.

**Glória Sá:** Alguma vez apanharam alguma coisa esquisita na rede?

Esquisita? Tubarões, por exemplo.

**Glória Sá:** Tubarões?

Sim, já mortos, a cheirar mal alguns. Baleia.

**Glória Sá:** Baleias também?

Um pedaço de baleia. E baleias inteiras, às vezes também. A cheirar mal. Isso era contra a lei. Tinha que atirar aquilo ao mar. E elas vinham na rede, não podia fazer nada. Tinha que as trazer pra cima. Muitas vezes até cortávamos a rede na água. Quando a rede estava prestes a entrar no convés, a baleia vinha ali. A gente não havia alternativa. Pegávamos uma faca, abríamos a rede toda pra baleia largar.

**Glória Sá:** Baleias grandes ou bebês?

Não, até grandes. Muitas delas já vinham... A maior parte elas vinham mortas já. E outras despedaçadas, a cheirar mal. Ossos... Tenho aqui um osso de baleia.

**Glória Sá:** Ah sim?

Quer ver? Estava a falar disso. Quer ver? Tenho a certeza que era grande. Estava a falar disso. Estava a lembrar. Já está aqui há mais de vinte anos. Isto também é contra a lei a gente trazer isto, por acaso.

**Glória Sá:** Sim? O osso, só assim. Acha que houve alguns pescadores portugueses que tiveram impacto na pesca?

Oh, então. Há muitos pescadores portugueses que fizeram impacto, é lógico que sim.

**Glória Sá:** Por exemplo?

Investiram. Deram trabalho a muita gente. Que é o caso de tantos outros. Este, o Pedro Cura e tantos outros. Se fosse a enumerar todos, tinha que estar aqui um dia. Da nossa terra, o Pedro Cura, o Carlos Camarão. Vários nomes. Tiveram impacto. Mas mais impacto do que o Carlos Rafael, acho que ninguém teve. Até o Felício. Um senhor chamado Felício. Não sei se ele...

**Glória Sá:** Não, o Felício...

Também era um dos...

**Glória Sá:** Primeiros?

...primeiro que começaram a investir na pesca. Foi um dos primeiros. Os senhores algarvios também. No princípio aqui, como lhe tinha dito, os primeiros barcos foram através da malta... Só quando começou a chegar aqui a malta da Figueira é que começou mais, o pessoal a investir e a comprar. Infelizmente uns perderam os barcos. Outros continuam aí. Isto é assim. É um investimento. É preciso saber gerir as coisas, os investimentos.

**Glória Sá:** Claro.

E a vida correr, ter sorte.

**Glória Sá:** Há algum pescador que o senhor admira em particular?

Em que campo? Admiro como?

**Glória Sá:** Como pescador, de ter arte, de saber...

Há tantos. Os velhos a gente admira. Foi com eles que nós aprendemos, não é?

**Glória Sá:** Sim.

Só que não havia a tecnologia que há hoje. Era tudo manual.

**Glória Sá:** Pois.

Tudo a olho, tudo manualmente. Ainda cheguei a andar a trabalhar na costa de *Province town*. Muita malta, muitos pescadores vianeses de Viana do Castelo, que habitavam ali, que viviam naquela zona de *Province town*. Não tinham aparelhos. Eles era através das marcas de terra que eles conseguiam saber onde é que estava pra pôr a rede ao mar. Ainda sou desse tempo. Ainda apanhei esse tempo.

**Glória Sá:** Esses pescadores vianeses que se radicaram em *Province town* continuam lá ou acha...?

Ainda lá estão alguns, já não estão tantos. Uns já se foram embora reformados. Agora, eu penso que... Que eu esteja a ver assim de repente, estão lá dois filhos desses já antigos, ou coisa assim. Já não há tanta malta. E foram alguns daqui pra lá também, já.

**Glória Sá:** Sim?

E voltaram outra vez pra cá.

**Glória Sá:** Por exemplo?

Por exemplo, o rapaz que eu conhecia, no meu tempo. Os nomes dele eram nomes... O Fernando, o Luís, agora os outros nomes, eu não sei. A gente conhecia-se em cima do cais. Era por os nomes. É Fernando isto, é Fernando Luís aguilo, é Manuel aguilo. E outros tantos há.

**Glória Sá:** Por falar em em nomes. Muitos pescadores têm alcunhas.

Tem, logicamente.

**Glória Sá:** Pode-me dizer algumas alcunhas?

Ah, isso agora! Eu também tenho alcunha. Já vem do meu pai, não é? Lógico. Desculpe, mas eu não vou menciona-la aí.

**Glória Sá:** Ai não?

Não. Desculpe, mas não vou mencionar. O meu nome já é conhecido por moço. Agora alcunha, desculpe, mas isso não entro aí nesse.

**Glória Sá:** Não? Mas eu sei que...

(ininteligível 02:25:44)

**Glória Sá:** Por exemplo, o António Santos era conhecido por Cortina, por exemplo.

Cortina, porque esse nome fazia parte da família do Cortina.

**Glória Sá:** Ah sim?

Era nome próprio. Era apelido. Agora alcunha... Apelido é uma coisa, apelido não. A senhora sabe melhor do que eu. Alcinha é outra. É alcunhas que a gente não...

**Glória Sá:** Às vezes não se pode dizer.

Não se pode pronunciar, exatamente. Plo menos, perante uma senhora.

**Glória Sá:** Mas dizem que mulher honrada, não tem problema.

Está bem. Também não há... Acho que isso não vai...

**Glória Sá:** Os pescadores portugueses atracam nas mesmas docas que os americanos?

Isso está tudo misturado. Em Ifaíba (??). Alguns vão pro outro lado da Ifaíba (??). Normalmente são os americanos. Mas agora nessa malta da escalopa, que já tem muita malta portuguesa, também já os barcos são praticamente daquele lado. Vão pra lá.

**Glória Sá:** E também vendem às mesmas pessoas?

Às mesmas companhias. Às mesmas companhias do processo de peixe.

**Glória Sá:** Acho que... Não me lembro de perguntar outra coisa sobre a vida no mar. Agora gostava que me falasse um bocadinho da vida em terra. Quando vocês passam... no seu caso, um tempo que faziam vinte e quatro viagens por ano, não passavam muito tempo em terra.

Claro que não.

**Glória Sá:** Mas quando estavam em terra, como é que era a vossa vida?

Era a mesma que é agora. Só que agora há mais folga. E a gente tem mais diversão. Pode ir... Tem mais espaço pra poder ir praqui ou pra acolá. Naquele tempo, o espaço era tão reduzido, que não dava. Nem pra ir a um fim de semana, quando havia uma oportunidade. Ou ir a uma praia ou coisa assim, também era muito raro. Agora não. Agora há espaço pra tudo. A gente vai pra onde é que quer. Cada um vai pra onde é que quer, onde lhe apetece. Com as mulheres, com os filhos, com a família, etc. Reúnem-se uns em casa de uns, outros em casa doutros. É lógico. É o normal da vida. Do dia a dia é o mesmo normal.

**Glória Sá:** E como é que a vida do mar afetava a vida familiar em terra? Por exemplo, a relação com as pessoas?

A ausência. A ausência, logicamente. A ausência também afetava. Neste caso, mas antigamente, ainda era pior. No bacalhau, eram seis meses de ausência. Era uma dor muito grande. Tanto é que havia, como nós falávamos, havia gente que, assim que o marido saía, vestia-se de preto. Isto era uma ignorância total. Quanto a mim, na minha opinião. Mas era um hábito. Era um hábito.

**Glória Sá:** Mas aqui, não? Isso já...

Nesse aspecto, não.

**Glória Sá:** Mas acha que, por exemplo, afetava o poder, digamos, entre marido e mulher? As mulheres ganhavam mais poder sobre a família?

Quer dizer, a mulher aqui, no meu ponto de vista, é que trabalhava, logicamente. Outras não trabalhavam. Dependia também da economia de cada um. Exatamente. Depois tinham uma vida mais facilitada naquela altura. Agora, pois... Eu penso que a mulher agora trabalha mais. Isto no que respeita... Porque houveram sempre mulheres de pescadores que nunca deixaram de trabalhar. Trabalharam sempre ao lado dos maridos. Sempre, sempre, sempre. Eu tinha uma prima minha que até os filhos que levava pra *babysitter*, trazia-os ao colo pra *babysitter*, a pé. Ía a pé, depois ia a pé pro trabalho, pro Tichão (??), pro CVU, pro *Pilgrin*, essas fábricas antigamente que haviam primeiras, que haviam ali à beira do...

**Glória Sá:** À beira do cais

Você deve ter conhecido.

**Glória Sá:** Pois.

Agora há muito mais lá. Agora há muitas mais. No meu tempo havia, era o Tichão (??), era o *Pilgrin*, e era o CVU, eram as casas mais conhecidas. Aqui a gente atravessava, essa área toda, onde está agora o *Luso Fishing*, isso tudo. Era um mato. Eu saía de casa do *River Street*, onde eu vivia. Eu cheguei a trabalhar no Tichão (??), a processar o peixe também. A descarga do peixe e ia trabalhar...

**Glória Sá:** A amañhar peixe?

Não, não, processamento do peixe. Era a fazer filetes.

**Glória Sá:** Fazer filetes.

Eu nunca fiz filetes, mas cortava o peixe. Nas serras, cortava o peixe. Uma ocasião, cortei até também aqui um dedo. A primeira vez que me fizeram pôr numa serra a cortar, eu não tinha experiência nenhuma, cortei o dedo. Tive que sorte, que não o separei. E era assim.

**Glória Sá:** Às vezes há pessoas que falam que os filhos nascem sem... Nascem... Crescem sem o pai estar em casa, que isso causa problemas.

Isso é lógico, pelo menos agora... Antigamente... Isso também é, o ambiente de casa também. A gente, minha senhora, é assim. A gente é preciso ter muita sorte com os filhos. Muita sorte com os filhos. Mas sempre... Há um ditado velho, que eu já tenho sessenta e quatro anos quase. E sempre conheci. De pequenino é que se torce...

**Glória Sá:** O pepino.

Está a perceber? Mas isso não quer dizer que de hoje a amanhã... Eles pequeninos estão aqui. O caso da minha mulher. Ela esteve muitos anos sem trabalhar. Ela criou os filhos, nunca tiveram *babysitter*, nem nada, não é? Os meus filhos não são mais que ninguém. Eu não vou superar os meus filhos em aspecto nenhum. Mas, na educação e no ambiente em casa, teve a mãe que os soube orientar. Não quer dizer que os outros casos, sejam menos que há tanta desgraça por a, infelizmente.

**Glória Sá:** Claro, claro. O senhor casou com uma senhora açoriana. Tenho ouvido dizer que, às vezes, que os pais, os açorianos, não querem que os filhos casem com continentais. Os continentais não querem que os filhos casem com açorianos.

Eu não tenho esse problema. Eu dei liberdade das minhas filhas, elas fizeram o que quiseram. Agora cada um faz o que quer. Eu que, por acaso tive a felicidade de ter casado com uma

açoriana. Não estou arrependido, logicamente. Temos... *Casa sem ser ralhada não é governada*. Não é? Isso é um ditado velho, muito antigo. Há prós e contras. Há sempre boa disposição, às vezes também há má disposição. E o termo mais aplicado, que já é de criança que ouço essa frase é *Casa que não é ralhada, não é governada*. Tudo pode acontecer na vida de uma pessoa.

**Glória Sá:** Nos seus contactos, a sua rede de contactos de amizade, de conhecimentos, quem são essas pessoas? São, sobretudo são portugueses, são não portugueses?

Eu é mais português, logicamente. Já trabalhei com americanos, quando comecei... quando vim praqui trabalhei na Attaway, trabalhei na Columbia, trabalhei em várias fábricas por aí. Nessa altura eu tinha mais contatos com americanos do que agora. Agora é quase tudo português.

**Glória Sá:** A maior parte são pescadores também?

Pescadores, exatamente. Eu cheguei a conhecer malta de vários pontos, no continente, nos Açores. Em princípio, quando eu aqui cheguei, eu tinha outro ambiente. Depois que fui pro mar, o ambiente mudou totalmente. Eu já não vejo essa gente há... Quando aparece um ou outro, já... Eles fazem as suas vidas, é claro. E é, de vez em quando lá aparece um. A gente e começa assim a olhar, às vezes eu pra eles, eles pra mim “Tu não és fulano de tal?” São tantos anos de diferença, há trinta anos, às vezes quarenta anos. Trinta anos, no meu caso. Trinta e tal anos. A gente não se vê. Mas antes também me dava melhor. Diga-se de passagem, quando eu aqui cheguei, como já lhe disse, as famílias da minha terra eram bem poucas. Quatro ou cinco casais, que estavam aqui. Eu dei-me melhor com os açorianos, por foi através dos açorianos, que eu consegui o primeiro emprego. Um sujeito... um rapaz açoriano. De maneira que... Agora a coisa muda com o tempo. Agora é pescador, é aqui pro *Fisherman*. Pra onde é que eu vou mais? Não vou mais. Se não vou pro *Fisherman*, onde é que eu vou? Dantes ia ao Escondidinho, ia ao Pratas, ia o outro lado e tudo isso já passou. Desde que clube foi feito, é a minha segunda casa.

**Glória Sá:** Sim? Pertence a outros clubes?

Não, só pertença ao *Fisherman*. Cheguei a pertencer ao Português Sport, joguei futebol ainda dois anos no Português Sport. Por acaso, tenho aqui um troféu do *mayor*... Aqui na garagem. Uma taça do *mayor*.

**Glória Sá:** O que é que aconteceu com esses clubes?

Ainda há, mas já não é como dantes. A gente chegamos a ir no Português América, no (ininteligível 02:34:25) em Augusta. Não sei se se lembr.

**Glória Sá:** Eu lembro-me. Eu lembro-me.

A gente chegou a ter lá duas mil e três pessoas. Duas mil e três mil pessoas. Agora está mais dispersado. Agora a coisa está mais. E há muitas outras equipas, agora. Não é só aqui em New Bedford. Fall River, em Tântano, em Providence e todos os lados. Esses lados têm equipas de futebol.

**Glória Sá:** Portugueses?

Também portugueses.

**Glória Sá:** Mas...

Fall River Sport, Académica. Tem muitas outras equipas lá, porque agora já não estou dentro disso, já estou fora disso.

**Glória Sá:** Disse-me que é católico, mas não praticante. Não vai à missa regularmente?

Só vou à missa quando há festas de família, de filhos, ou sobrinhos, ou batizados. De resto, não...

**Glória Sá:** E a sua senhora também é a mesma coisa?

Já teve. Já foi muito influente na missa, mas agora já está mais dispersada disso.

**Glória Sá:** Participa em atividades culturais? Por exemplo, na benção dos barcos, coisas do género?

Já há muito tempo não vou à benção dos barcos. Isso também não...

**Glória Sá:** E a festas portuguesas?

Só a casa de família. Nunca fui assim de muito desses ambientes.

**Glória Sá:** Festas dos Madeiras?

Às vezes vou.

**Glória Sá:** Dia de Portugal?

Dia de Portugal também. Este ano também não fui lá. Tudo isso, com o tempo a gente vai... A idade vai desvanecendo a gente e a gente vai esquecendo.

**Glória Sá:** E contactos com pessoas em Portugal? Mantém contactos?

Agora, infelizmente, já não tenho. A não ser com um tio meu. Tio que... Está acolá a minha tia. Aquela senhora que morreu agora há pouco tempo. Eu até é a minha mãe, morreu. Morreu cinquenta e oito dias, uma depois da outra. A minha tia morreu, cinquenta e oito dias depois, morreu a minha mãe. A minha mãe também já estava numa casa de...

**Glória Sá:** De idosos?

Sim. O nome daquilo... Já há sete anos. Seis anos e meio.

**Glória Sá:** Um lar.

Um lar. Mas era um lar de... Como é que eu lhe hei-de explicar? É ali mesmo, não sei se você conhece a Figueira? A Cova Gala. Conhece o hospital, sabe onde é que fica sediado o hospital da CoVa Gala? Na praia. A praia do... Nunca ouvi-o falar nas Colónias Balneares.

**Glória Sá:** Ouvi

Logicamente, ouviu. Isso é lógico. Era onde é que está esse sítio do hospital, fica aí. A minha escola era aqui assim. As Colónias Balneares eram... A minha escola, que ainda lá está. Agora, já há mais salas, como eu disse no outro dia. O portão das Colónias Balneares era aqui. O nosso professor até vivia lá num sítio em que atravessava toda aquela área. E vinha por ali, pelo meio de... E saía ali no átrio da escola. E esse... Essa casa onde a minha mãe esteve, era precisamente nessa área. E onde havia a carreira de tiro. Não sei se chegou... Era mesmo também ao lado da escola. Agora é uma coisa de floricultura. Desses coisos de...

Como é que se chama isso? Até vendem flores e isso tudo, mas tem as... Como é que se chama aquelas...?

**Glória Sá:** Estufas.

Estufas, exatamente. Era onde era a carreira de tiro da Gala. Era mesmo logo a seguir. Aqui tem a Colónia. Aqui estão as minhas ex-escolas. A Colónia é aqui e a entrada pro coiso é esta. Pra essas estufas, que eram onde estavam sediadas a carreira de tiro. E até nessa área, onde está essa casa onde a minha mãe... o hospital, não conhece. Era plo sul do hospital. Plo norte do hospital. Cinquenta metros.

**Glória Sá:** Sim, sim.

O norte do hospital onde a minha mãe esteve durante seis anos e meio. Faleceu agora no dia oito de Julho.

**Glória Sá:** Mas há pessoas que mantém contato, por exemplo, através de Facebook ou coisas assim?

Eu não uso isso. Nunca me deu. Nunca tive.... Depois o meu filhinho ainda me deu duas vezes ou três. Sentou-me ali... Isso não falta aí em casa, dessa chatice. Mas não é prá minha cabeça. Já não tenho cabeça pra isso. Nunca me deu esse aspecto.

**Glória Sá:** Tem, portanto... Não tem intenções de voltar lá? Vai lá regularmente?

Ia lá. Agora daqui prá frente já não vai ser fácil.

**Glória Sá:** Porque já não tem os seus pais?

Eu lá tinha contato direto. O meu pai já morreu há dez anos. A minha mãe morreu agora. Mas eu desde há treze, catorze, quinze anos. Talvez todos os anos ia lá. Na altura em que o barco estava parado, os vinte e um dias que nós temos parados. Eu uma semana, sete dias, doze dias, treze dias, conforme o espaço de tempo. Quando estava a minha mãe, claro. Agora temos lá a casa pra vender e é só o que nos resta. O contato agora, tenho um tio... tenho um marido da minha tia, também que está infelizmente entrevado em casa. Contacto através do telefone, de vez em quando. Fim de semana ou de quinze em quinze dias, falo pra ele, pra saber a situação dele. Ele não é meu tio, mas eu tenho muita concentração por ele. A senhora dele, que era a irmã da minha mãe, que era as duas irmãs. Que foi a que me criou também. Passou muitos sacrifícios por minha causa, porque também era meio atravessado. A minha mãe era costureira, andava a vender a ganhar os dias aqui e acolá e a minha tia é que... Até inclusivamente, quando eles vieram pros Estados Unidos. Pois, já era um homem, já estava na tropa, foi na casa da minha tia e da minha avó que fiquei. E esse senhor está casado com a minha tia. Também tenho consideração por ele, logicamente. Mas, resto, os meus contatos, são mínimos. Lá, já não são mais nenhuns. Eu chego lá, já não conheço quase ninguém da minha terra.

**Glória Sá:** É verdade. É isso que também me acontece.

Aquela juventude toda, deve estar quase tudo por aqui. A gente chego lá, só os idosos, algum velhinho já, com oitenta, noventa anos. Da idade do meu pai, naquela altura, é que eu conheço. De resto, há um ou outro. Começo assim a olhar pra eles e penso, este gajo parece filho de fulano e tal. Desculpe a expressão. O outro, “Eh pá, tu és filho disto?” Umaz vezes erro, outras vezes acerto. É difícil. É muitos anos. Muitos anos de ausência.

**Glória Sá:** As suas irmãs também não regressaram?

Não, as minhas irmãs também iam lá... Pelo menos a mais nova. E a mais velha... a vida não lhes permitiu tanto. Logicamente, a vida não lhe permitia tanto. Depois tinha a vida delas. É assim. Mas a minha irmã mais nova ia lá muitas vezes. Ela ia lá muitas vezes.

**Glória Sá:** Eu acho que é só o que eu tinha pra lhe perguntar. Não sei se tem alguma coisa a acrescentar.

Não, eu penso que não. Agora acho que não vale a pena estarmos...

**Glória Sá:** Então, fico-lhe muito agradecido.

Ok.

**Glória Sá:** Agradecida, por ter acedido a esta entrevista.

Eu gostei mais de estar aqui, porque aqui está mais à vontade. Lá no clube, pra mim, não dava pra estar. Muitas vezes... Eu vou lhe dizer a verdade. Eu muitas vezes evitei o encontro. Porque acolá, não me dava muito jeito. Não gosto.

**Glória Sá:** Eu também prefiro falar aqui também.

Estou mais à vontade. Sem problema nenhum. Depois há sempre aquelas pessoas que a malta conhece. "Ah e tal..." Não quero entrar nesses pormenores. E pronto.